

# NESTOR GOULART, UMA HISTÓRIA DA FAU



DIREÇÃO E PRODUÇÃO **AYUMI KOBAYASHI RANZINI**

CO-DIREÇÃO **GUILHERME BRETAS**

EDIÇÃO **AYUMI KOBAYASHI RANZINI E RAUL YBAÑEZ**

ORIENTADOR **PROF. DR. NESTOR GOULART REIS FILHO**

CO-ORIENTADORA **PROFA. DRA. BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO**

Apoio:



**gfaud**

Final de Graduação 2025



**FAUUSP**

## **Nestor Goulart: Uma história da FAU**

Orientador: **Prof. Dr. Nestor Goulart Reis Filho**

Co-orientadora: **Profa. Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno**

Trabalho Final de Graduação

2025

FAUUSP

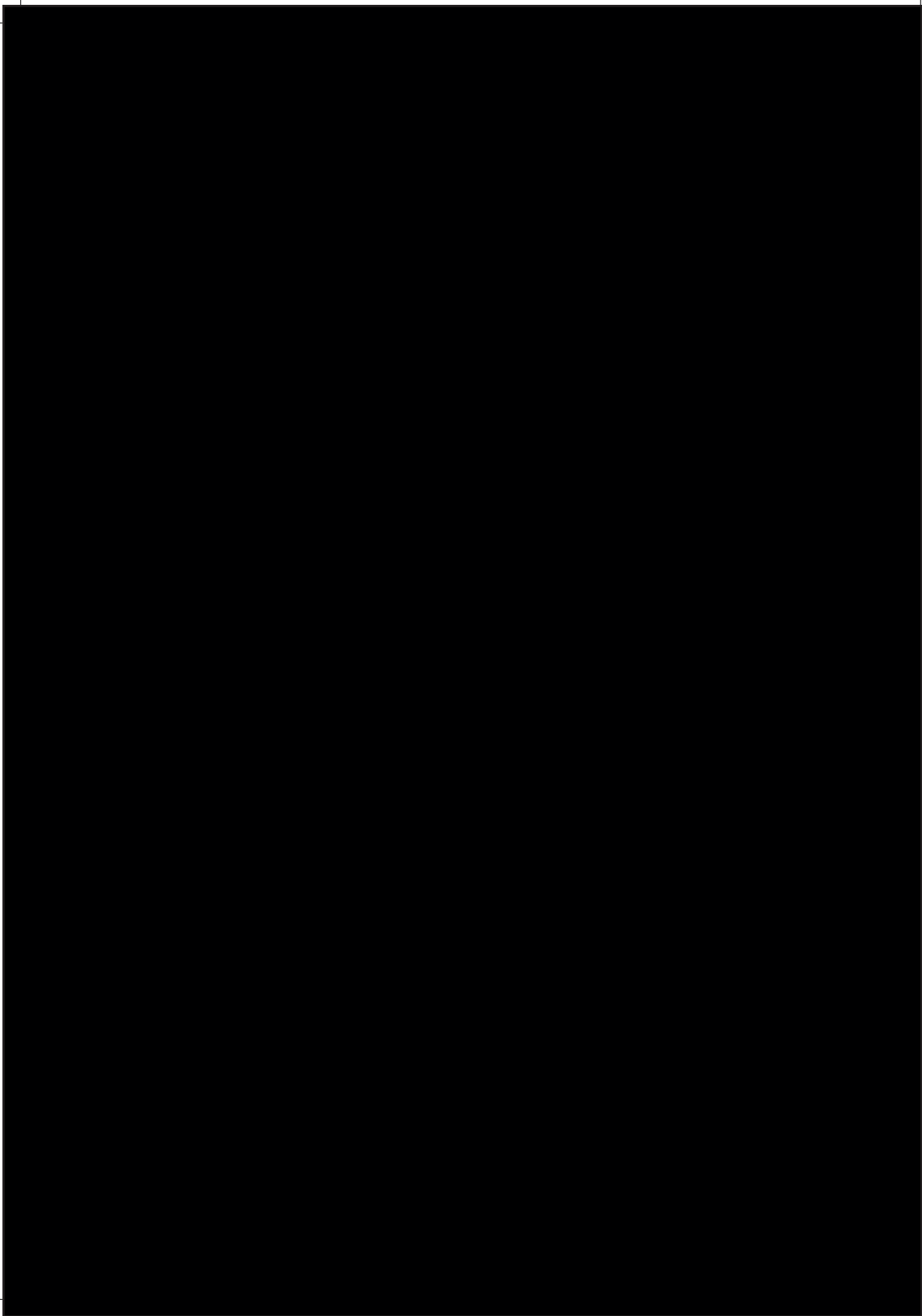
## **Ficha técnica**

Direção: **Ayumi Kobayashi Ranzini**

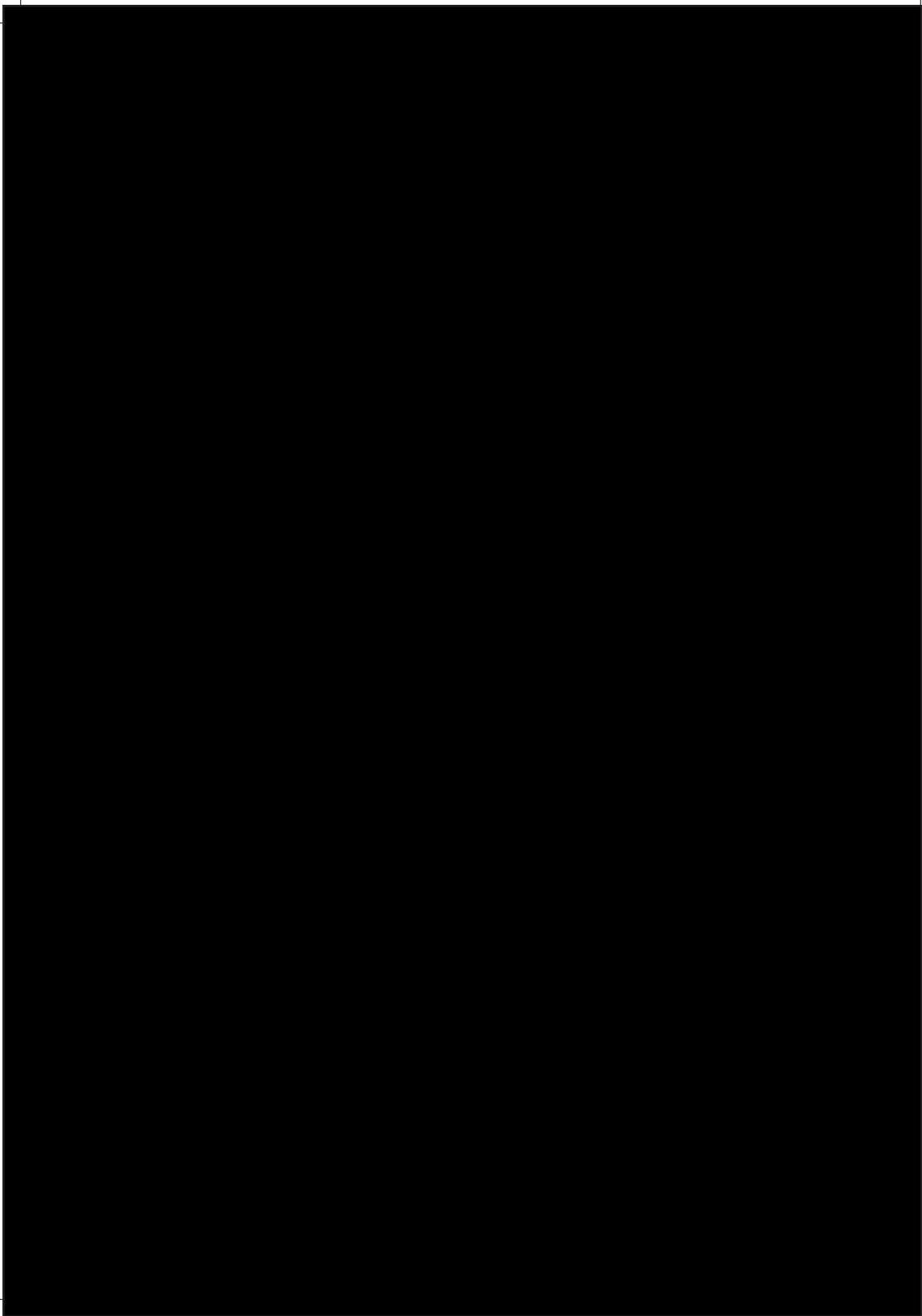
Co-direção: **Guilherme Bretas**

Edição: **Ayumi K. Ranzini e Raul Ybañez**

Arte da capa: **Bells Horeman**



Aos meus pais, que me ensinaram tudo o que sei...



## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Nestor, que deu sentido à minha graduação e me ensinou sobre arquitetura, história e urbanismo, sobre a importância da pesquisa e das instituições, mas, acima de tudo, sobre a vida.

À Professora Beatriz Bueno, que me acompanhou e orientou com generosidade ao longo da graduação.

Aos meus pais, Yuko e Milton, que me apoiam incondicionalmente. Sei que nasci com sorte, porque nasci filha de vocês.

Ao meu irmão, Luan, com quem já dividi uma barriga, um quarto e muitos bolos de aniversário.

Ao meu gato, Bicuca, meu companheiro por dez anos.

À Mich, que está sempre por perto quando preciso.

À Chiba, que me sorteou na pokedex e que eu já conhecia mesmo antes de conhecer.

À Mariana, destinatária de muitas dedicatórias, com quem compartilho pensamentos e livros.

Aos meus amigos Julyanne e João, que estão na minha vida há tanto tempo que já nem lembro como era a vida sem eles.

À minha dupla, Guilherme Bretas, que está sempre do meu lado.

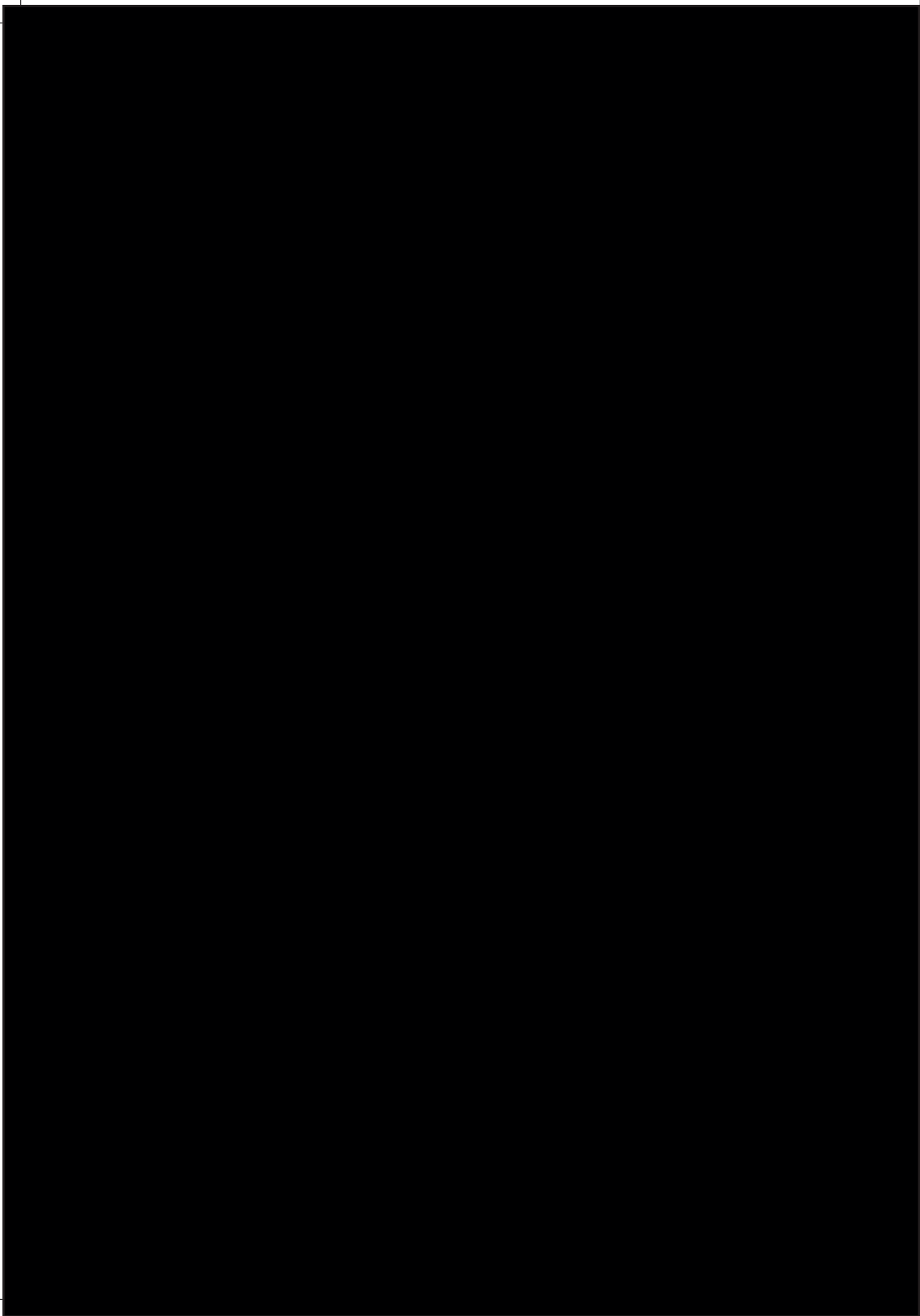
À Ju, que é um presente que a vida me deu.

À Cata e Bia, que mesmo longe estão sempre perto.

Às amigas com quem compartilhei diversas manhãs e madrugadas: Bianca, Paula e Bruna.

Às amigas com quem compartilhei os primeiros anos da FAU: Isis, Clara, Luiza, Helena e Carol.

Ao Joel Rocha, Caio Bandeira e ao time da Moodgate, por acreditarem em mim.

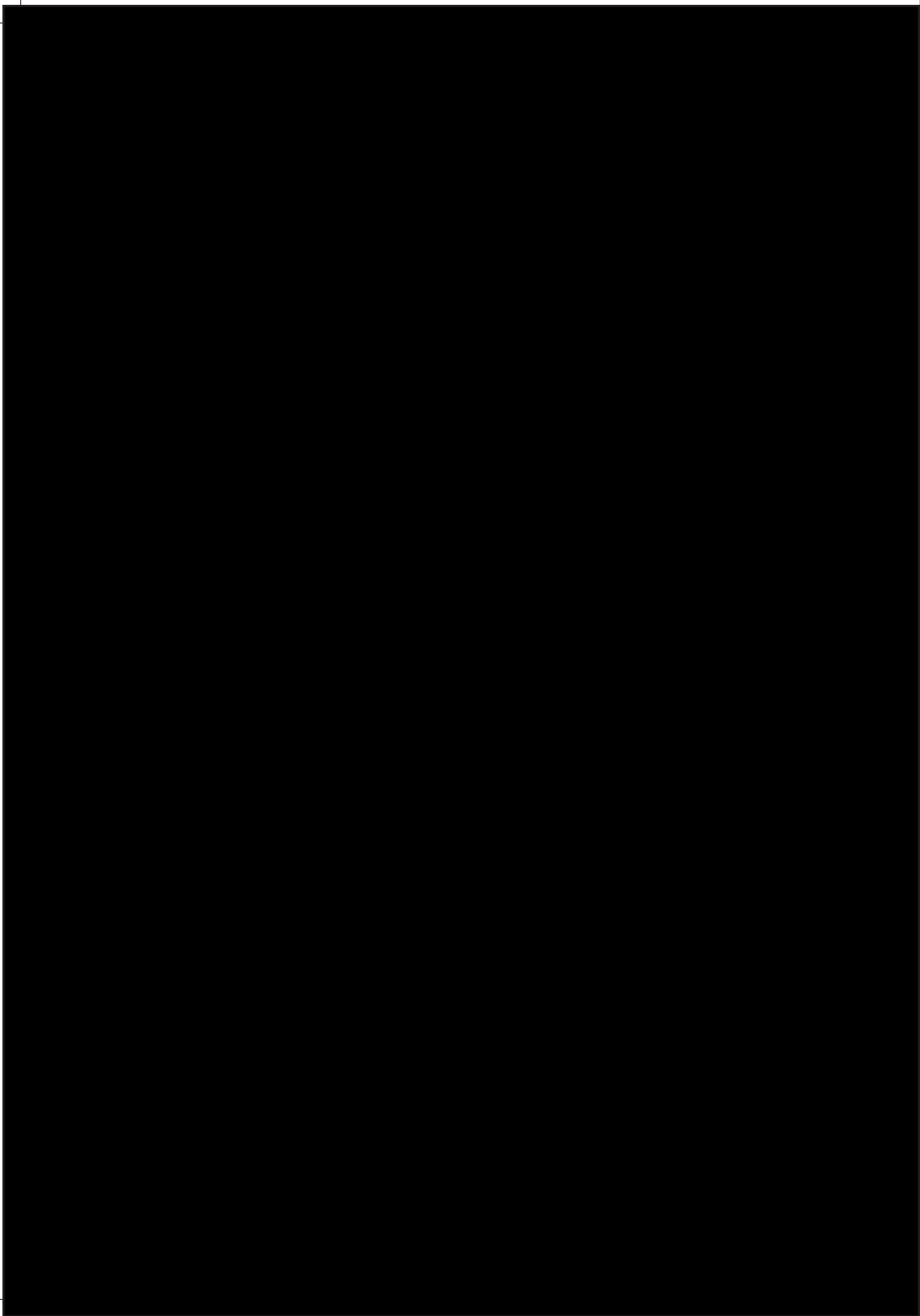


## **PREFÁCIO**

Este trabalho tem como objetivo resgatar e analisar aspectos fundamentais da história da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), a partir do depoimento do Professor Nestor Goulart. A narrativa, estruturada a partir de uma longa entrevista, oferece um panorama detalhado da formação e consolidação da FAU como instituição de ensino.

O professor Nestor Goulart não apenas testemunhou, mas também protagonizou diversos momentos decisivos na história da FAU. Sua trajetória, que se inicia como estudante engajado no Grêmio da FAU (GFAU), passa pela militância estudantil, pela docência e pela atuação institucional, chegando à livre-docência, à cátedra e à direção da faculdade. Ao longo de sua carreira, foi articulador de reformas curriculares, responsável pela criação do curso de pós-graduação, incentivador da produção acadêmica, promotor da valorização da pesquisa aplicada e um dos principais nomes na luta pela autonomia e identidade da área de Arquitetura e Urbanismo dentro da universidade.

A partir de seu relato, é possível compreender o contexto político e social em que se deu a criação da FAU, os embates entre diferentes visões de ensino, as tensões com a tradição politécnica e as iniciativas que visaram inserir a arquitetura brasileira em um campo mais amplo de pensamento crítico, interdisciplinar e institucionalizado. O depoimento evidencia também sua preocupação com a formação teórica e metodológica dos professores, a construção de uma cultura institucional e a importância da pesquisa para a qualificação da prática profissional.



## O PROFESSOR

A trajetória do professor Nestor Goulart Reis Filho confunde-se com a própria história da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), onde atua como docente e pesquisador. Arquiteto e urbanista formado pela FAU em 1955, e também sociólogo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, o Professor iniciou sua carreira docente no ano seguinte à sua graduação, em 1956, e, desde então, protagonizou a institucionalização da pesquisa e da reflexão crítica no ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil.

Sua obra é marcada pela originalidade teórica e rigor metodológico, ao buscar compreender os processos de urbanização como fenômenos históricos, sociais e espaciais interdependentes. Desde suas primeiras pesquisas — como a tese de livre-docência *Evolução Urbana do Brasil: 1500–1720* (1964) —, o Professor propôs uma nova leitura das cidades brasileiras. Sua investigação demonstrou que o espaço urbano foi central na formação política, econômica e cultural do Brasil, antecipando discussões que se tornariam fundamentais no campo da história urbana.

Com sólida formação sociológica, o Professor articulou uma abordagem dialética e histórica para o estudo das cidades. Para ele, a cidade é tanto produto quanto produtora de relações sociais. Sua tese de cátedra, *Urbanização e Teoria* (1967), buscou justamente esse entrelaçamento entre o pensamento espacial e social, antecipando debates que só mais tarde seriam sistematizados por autores internacionais.

Na FAUUSP, foi o responsável por criar a primeira cátedra de História da Arquitetura Contemporânea e Evolução Urbana do país, em 1962, um marco fundamental para o desenvolvimento de uma abordagem original e interdisciplinar no campo da história urbana. Anos de-

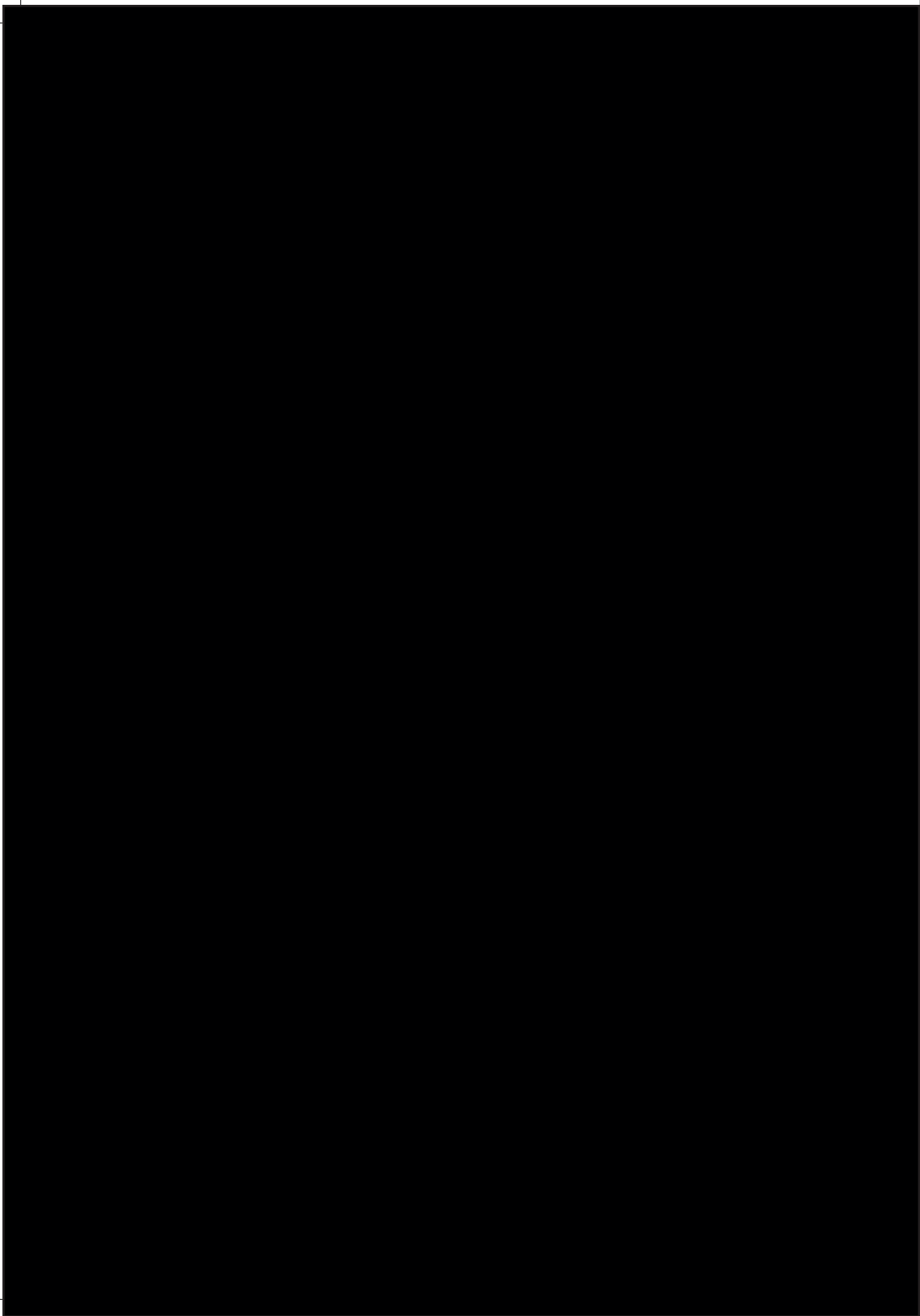
pois, concentrou sua atuação na área de História da Urbanização e do Urbanismo, aprofundando sua proposta de análise dos processos urbanos em perspectiva de longa duração, com base empírica sólida e interpretações de caráter estrutural.

Sua contribuição como docente ultrapassa a sala de aula. Foi orientador de diversas gerações de estudantes, da graduação à pós-graduação, sempre incentivando o pensamento crítico e a autonomia intelectual. Criou, em 1992, o Laboratório de Estudos sobre Urbanização, Arquitetura e Preservação (LAP), que se consolidou como referência nacional na produção de conhecimento sobre a cidade e o território, e por onde passam dezenas de bolsistas de iniciação científica, mestrado e doutorado. Ao longo de sua trajetória, o Professor contribuiu para a formação de um pensamento genuinamente brasileiro sobre os processos de urbanização, sem desconsiderar as articulações internacionais, mas atento às singularidades históricas e sociais do país.

Dentro da FAUUSP, foi duas vezes diretor, períodos nos quais defendeu a valorização da pesquisa, a qualificação docente e a autonomia institucional. Participou ativamente da Reforma Universitária de 1968, foi membro do Conselho Universitário da USP, criou o curso de pós graduação na FAUUSP e teve papel decisivo na criação da Comissão de Patrimônio Cultural da universidade (CPC-USP), da qual foi o primeiro presidente. Em sua atuação institucional, destacou-se pela defesa da universidade pública como espaço de produção de conhecimento crítico, autônomo e comprometido com as transformações sociais.

Sua produção acadêmica é ampla e consistente. Dentre suas principais obras, destacam-se *Evolução urbana do Brasil*, *Quadro da arquitetura no Brasil*, *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*, *Notas sobre urbanização Dispersa* e *Dois séculos de projetos no Estado de*

São Paulo, além de dezenas de artigos, capítulos, pareceres técnicos e exposições. Parte significativa de sua pesquisa foi construída a partir do trabalho com fontes iconográficas e cartográficas, resultando em um acervo visual com mais de 30 mil documentos, que hoje subsidia estudos sobre o espaço urbano em todo o país. O Professor é um pensador atento à prática, tendo colaborado com políticas públicas de preservação como presidente do CONDEPHAAT, vice-presidente da EMURB e conselheiro do IPHAN, sempre articulando teoria e ação, pesquisa e intervenção.



## **Parte 1: História** ..... 21

O início da FAU

Primeiras turmas e GFAU

A primeira greve

A grade curricular

O estudo da história da arquitetura na FAU

Centro de Estudos Folclóricos e as primeiras publicações do GFAU

As primeiras viagens como aluno e as fotografias

## **Parte 2: O Professor** ..... 35

O curso de sociologia e a tese de livre docência

Sobre as instituições

Montagem do Curso de Pós Graduação

Consolidação da área de Arquitetura e Urbanismo na FAPESP

A tese de cátedra e o primeiro aluno a virar Diretor

Os laboratórios de serviço da FAU

O orçamento da FAU

Montagem do CPC/USP e a restauração da FAU Maranhão

Os cursos da ABEA

## **Parte 3: Futuro** ..... 65

## **Anexos** ..... 69

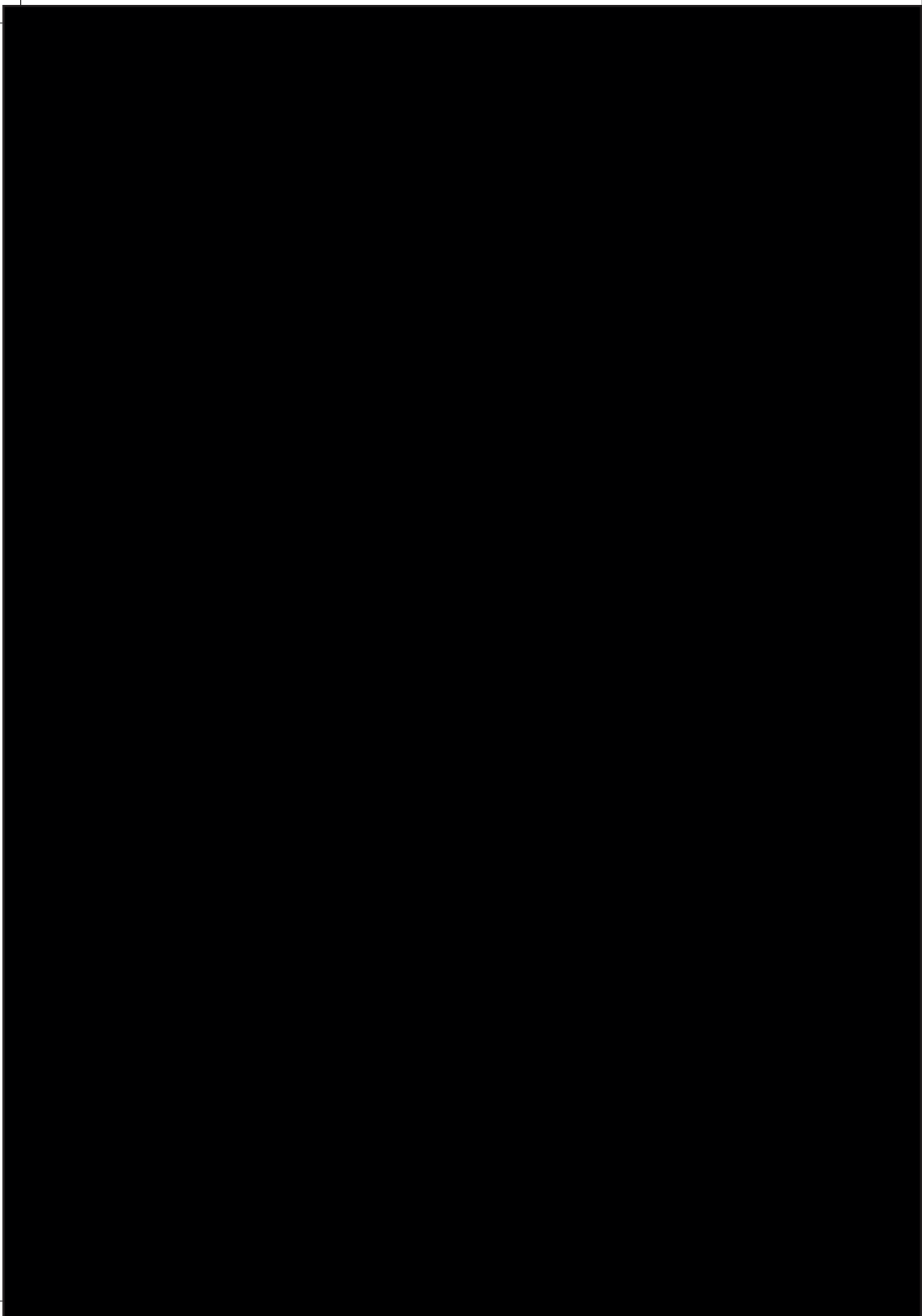
Prêmios e títulos

Livros publicados

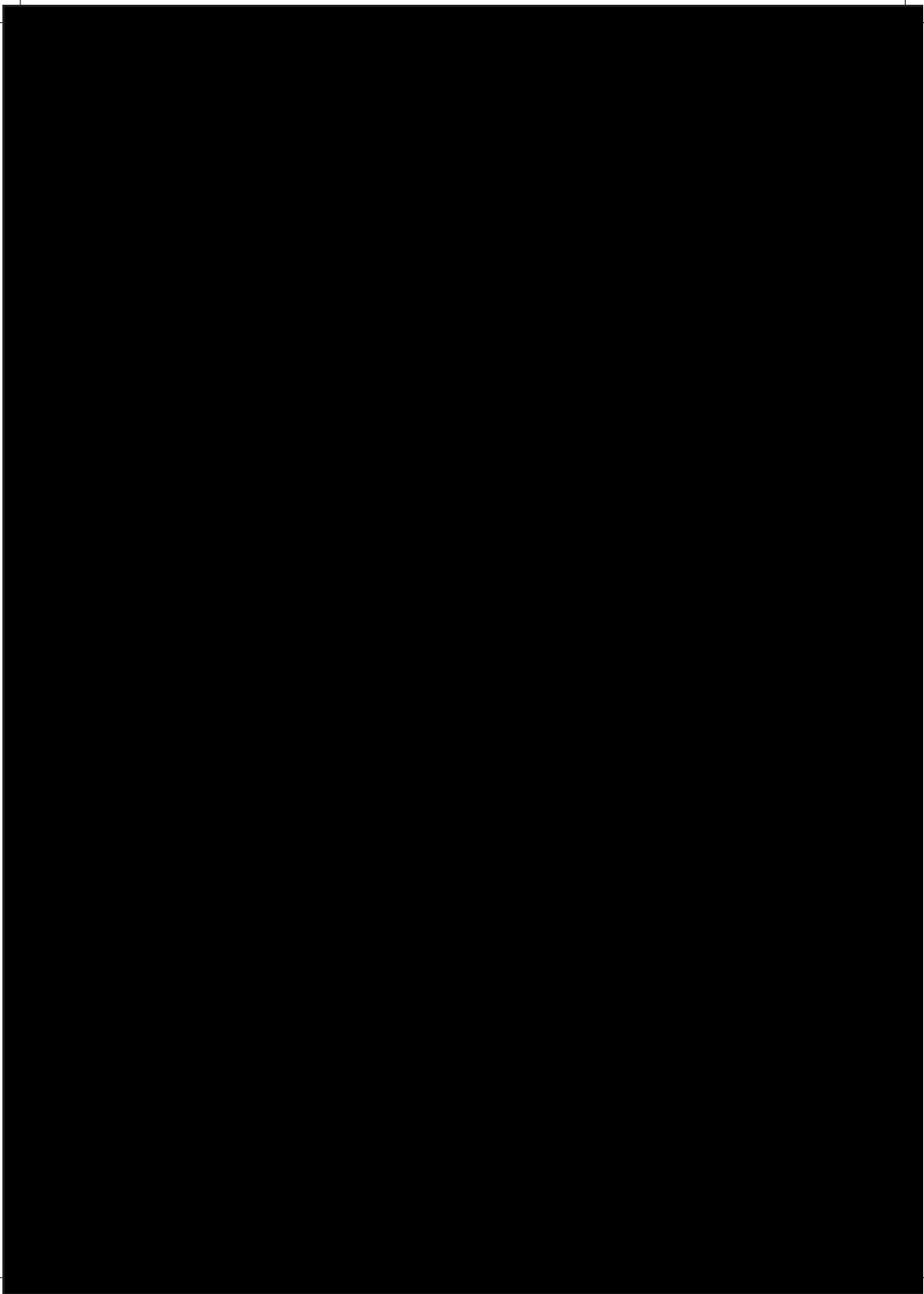
Capítulos em livros publicados

Artigos publicados

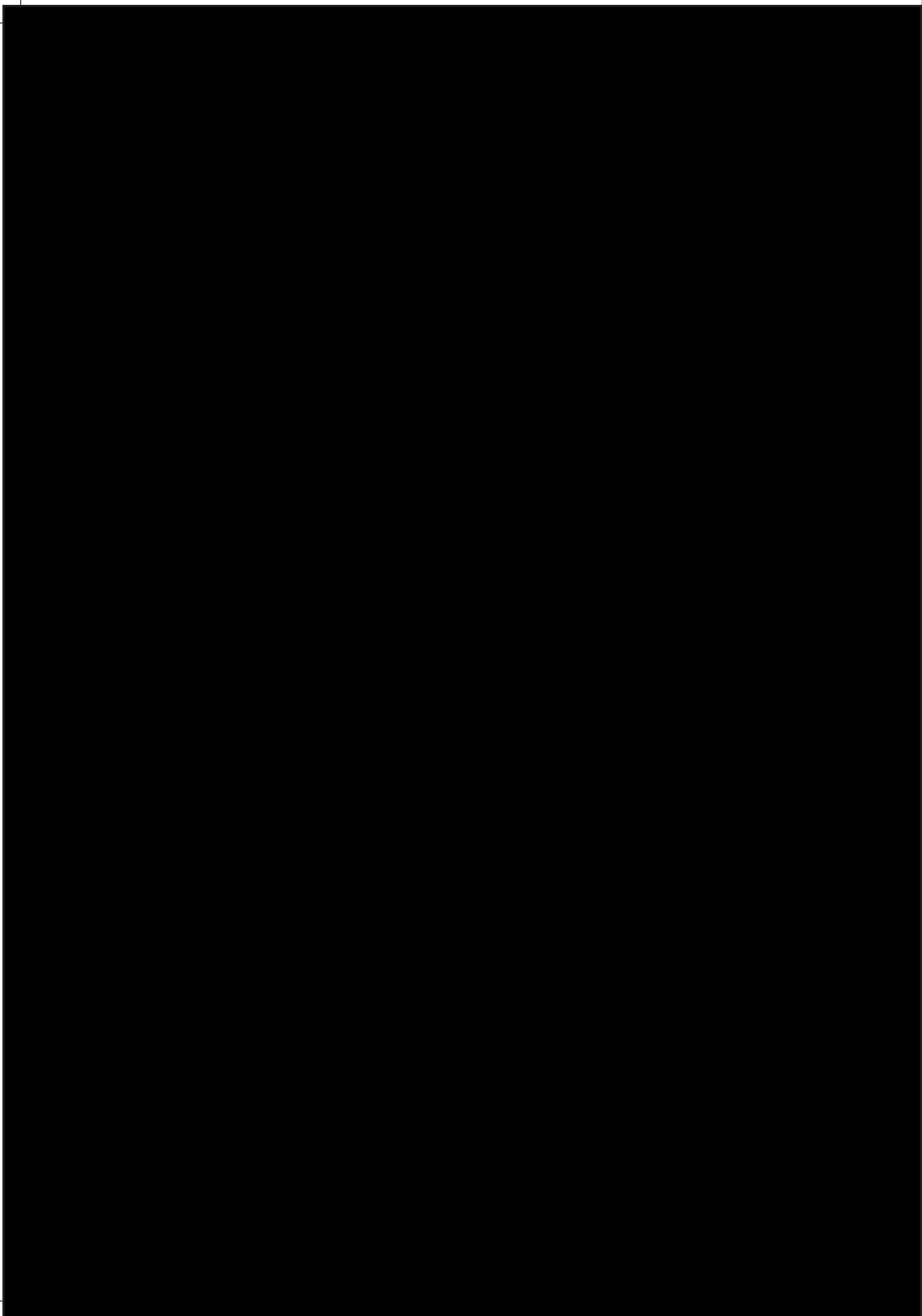
Pareceres técnicos



Este texto é uma transcrição do documentário “Nestor Goulart, uma história da FAU”, narrado pelo Professor Nestor Goulart.



# PARTE 1: HISTÓRIA



## O INÍCIO DA FAU

A FAU foi aberta em 1948, mas foi em agosto - acho que era 8 de agosto - que venceu o termo da doação. No último dia do prazo, a assembleia aprovou. Os candidatos, que não eram alunos, eram 50 candidatos - mas tinha um grupo que liderava e liderou em outros tempos, no GFAU depois. Eles foram para a assembleia, acompanhavam a votação lá dentro e fizeram camaradagem com os dois deputados paulistas, que depois foram para a câmara federal, que eram Auro Moura Andrade e Ulisses Guimarães. E o Auro estava como presidente da assembleia, já conhecia os alunos. Eles sabiam que era o último dia do prazo, e fizemos a votação, e aprovaram. Então, às nove horas da noite, ele entregou em mãos dos alunos. Foi bonito porque os alunos não eram funcionários para entregar aquilo, foi de uma confiança também muito grande da parte dele. Mas o Dr. Anhaia deve ter arrumado isso; era tudo feito com o conhecimento dele.

Os alunos pegaram aquilo e levaram à casa do Adhemar de Barros, na rua Albuquerque Lins. E o Adhemar, que também sabia que eles iam chegar, abriu, assinou, eles pegaram aquilo, foram na rua da Mooca, na imprensa oficial do Estado. Às nove horas da noite entregaram. Aquilo tinha que entrar em máquina e ser impresso porque de madrugada começava a ser distribuído o jornal. Todo mundo estava apalavrado para fazer isso; foi um acordo geral, senão não ia funcionar. A imprensa oficial estava informada de que aquilo ia chegar. Uma vez recebido o papel assinado pelo governador, eles puseram na pauta. No dia seguinte, estava criada a FAU.

A assembleia recebeu como doação o prédio, e uma das cláusulas dizia que os professores das áreas técnicas da Escola Politécnica poderiam, por autorização da assembleia, acumular cátedras. Eles eram professores de uma faculdade e passaram a ser das duas. A velha

guarda da Politécnica não ia favorecer a criação da FAU. Eles concordaram, os velhos catedráticos de estruturas, porque iam ganhar o dobro. Eles passaram a ser catedráticos de duas escolas. Tinham que depois prestar concurso; prestaram, mas isso foi quinze anos depois. Só depois que prestei concurso. Prestei minha livre-docência, e eles ficaram assustadíssimos: “os arquitetos vão tomar isso e pôr a gente pra fora”. Imediatamente, eles fizeram todos os concursos. Assim que fiz minha livre-docência, eles fizeram cátedra, de medo que os pusesse para fora. Ainda não era catedrático, era livre docente, mas era lógico que eu ia fazer, em seguida, cátedra, eles sabiam disso. Entraram junto comigo na congregação.

A caracterização da situação era essa. Quando prestei os concursos, sabia o que estava fazendo. Temos que pensar nas coisas do ponto de vista das instituições, se você quer ter sua instituição funcionando, tem que tomar as medidas para que isso aconteça, senão fica na mão dos outros e nós estávamos revoltados de sempre ficar na mão dos outros. Uma faculdade de arquitetura dirigida por calculistas de concreto? Não tinha sentido. Eles só não largavam aquilo porque queriam preservar a vaga, não estavam preocupados com a sorte da FAU. Assim que os militares propuseram uma lei que proibia as acumulações, eles foram embora.

## **PRIMEIRAS TURMAS E GFAU**

A FAU não estava pronta porque a obra não podia ser feita, o prédio era dos Penteados. Não podia pegar dinheiro público e fazer a obra numa propriedade privada. Só quando foi concluída a doação podia fazer obra com dinheiro público.

Assim que foi assinado, a partir daquele dia podia pegar o dinheiro

público e começar a fazer as obras. Dr. Anhaia, que era vice reitor, nem tremeu, dali a pouco as obras começaram. Levou um ano e meio – pintaram, limpavam.

A turma que entrou, entrou em agosto, portanto foi até março para terminar o primeiro ano. Em março eles começaram o segundo ano. E aí criaram o GFAU, mas, no início, estavam dentro da Poli, usando as salas de aula da Poli, o que devia ser complicado. De baixo de um desvão de escada – na Vila Penteadó –, fecharam aquilo, o escritório do GFAU ficou lá. Essa foi a fundação.

O primeiro presidente foi o Marcílio Martins, um rapaz de origem humilde, muito bom arquiteto, muito bom colega, ilustríssimo. Nós ficamos amigos já no primeiro ano, período da greve, precisava levar alguém do GFAU, levava o Marcílio..

## **A PRIMEIRA GREVE**

Quando entrei, turma de 51, o problema era o seguinte: as aulas começavam no dia primeiro de março, lá pelo dia onze de março, foi anulado o ato da última sessão de um conselho universitário que aprovou a nomeação do Oscar Niemeyer. Veio uma pressão do governo federal para anular a nomeação - ele entrou, foi nomeado para dar aula de projeto no quarto ano da faculdade. Isso para nós, você imagina, calouros entrando, o entusiasmo: “o maior arquiteto brasileiro vai ser professor da FAU”. Era a única escola com arquitetura moderna no país. E aí, como ele era comunista: “então tem que tirar, ele vai fazer pregação comunista” - é uma visão meio ingênua do que seja uma faculdade. O que o professor podia fazer durante umas aulas por semana? Como o Artigas, ele falava algumas coisas, mas não fazia pregação comunista. Uma fantasia dos militares pressionando o governo.

Foi o seguinte, eles o puseram na rua e nós entramos em greve imediatamente. O GFAU fez a reunião e nós entramos em greve. No dia seguinte, saiu a notícia: a FAU vai fechar, e nós ficamos desarvorados: acabamos de entrar, uma faculdade recém criada, fecha. Bem, como é que vai fazer? O GFAU se declarou em greve, que era o que podia fazer, e tomamos a decisão: vamos ocupar a faculdade, o governo não vai fechar a faculdade – o que não era comum naquele tempo, foi uma atitude radical da nossa parte. Dormíamos lá no GFAU com grupos, cada noite era um grupo. Isso era primeiro de março, foi até - nem me lembro mais - fim de abril, começo de maio.

Não teve tentativa de tirar os alunos, mas era muito assustador. Eu dormi lá na segunda noite, a expectativa é que nós fossemos tirados de lá à tapa. Mas o governador, o governo, tiveram a habilidade de não provocar. Pra quê criar um caso mais grave do que aquele? Seria uma tolice. E, por outro lado, como nós havíamos ocupado, mostrávamos uma disposição de oferecer resistência, como na faculdade de Brasília. Quando o Niemeyer foi posto para fora e eles entraram em greve, a faculdade foi fechada por dois anos. Os alunos ficaram morando lá dentro. Quando reabriu, fui lá dar aula, foi lá o primeiro curso que dei. Para mim era tudo igual, só que de uma vez era aluno e da outra vez era professor.

## **A GRADE CURRICULAR**

Era um negócio complicado porque eles não tinham arquiteto para dirigir a faculdade de arquitetura, e se colocassem acadêmicos era uma intervenção cultural que nós não íamos aceitar, mas o Dr. Anhaia já estava fora. O único arquiteto que existia lá dentro era o Artigas, que veio da Poli. Não tinham um arquiteto titular – o Artigas também não tinha título nenhum, era moço, não fez carreira acadêmica – portanto

eles não podiam nomear diretor um professor sem título. Eles não tinham quem indicar.

Foram buscar um que estava se aposentando – na ocasião, não entendi, há muito pouco tempo pensei: era o tempo de eles pegarem o professor que estava se aposentando lá, o Bruno Simões Magro, na compulsória, porque ele ia fazer 70 anos.

O professor Bruno ficou como diretor naquele ano, nas férias seguintes ele foi aposentado. E então veio um professor engenheiro, Luís Cintra do Prado, um homem muito fino no trato e que não fazia as mesmas coisas que os outros. E o nosso presidente do GFAU, Marcílio, tinha uma certa confiança com ele.

O Marcílio fez os exames – o professor ensinava mecânica racional, o que ele ia ensinar de física para os alunos? – perguntou ao professor “estou aprovado? Se eu disser alguma coisa, não vou ser reprovado? Então, vou te dizer uma coisa: tudo o que o senhor nos ensinou não interessa em absolutamente nada. É inteiramente inútil para nós arquitetos. O senhor tem que fazer o que o Rino Levi faz, nos ensinar acústica, iluminação e termologia, controle térmico dos edifícios. Ninguém está fazendo isso no Brasil, nenhuma escola de arquitetura, só a do Rio.”. O professor ficou constrangido, pegou aquelas coisas que eram ensinadas em Paris e trouxe para a FAU. Foi a segunda escola a ensinar, e funcionou. Mas eram as duas escolas no país que estavam fazendo isso.

Nós criamos uma força tal que, quando fizemos a ABEA (Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura), demos o curso para todos os professores do Brasil. Como paisagismo, não havia professor de paisagismo no país. Nós tínhamos um americano que chegou no Brasil para abrir escritório e colocaram ele para dar aula, que formou Rosa Kliass e Miranda Magnoli.

Depois, fizemos os cursos pela nossa ABEA: paisagismo, conforto ambiental e estruturas – que antes davam cálculo como para os politécnicos, não sabiam dar outro curso.

Nós alunos trabalhamos para que isso mudasse. A física não, foi o Márcilio quem falou com o professor – que foi uma coisa dura, o professor sentiu, mas era um homem muito fino, foi lá, estudou e se adaptou.

Essas eram as condições, mas eles tiveram a habilidade de, no ano seguinte, colocar como diretor o Luís Cintra do Prado que já tinha seu curso adaptado. Os outros não se adaptaram, pelo contrário, eram muito arrogantes.

O que não existia na FAU? Não existia reunião dos professores, nem técnica, nem de projeto e arquitetura. Havia uma reunião de quatro ou cinco professores que diziam para os outros o que eles tinham que fazer, mas era apenas um problema burocrático de organização administrativa. Esse era o nosso quadro no momento da fundação da FAU.

## **O ESTUDO DA HISTÓRIA DA ARQUITETURA NA FAU**

No primeiro ano, tínhamos arquitetura analítica que era o nome vindo da escola de belas artes da Europa, que aqui não aceitavam, porque já era arquitetura moderna.

Como era: o professor de história analítica do primeiro ano pegava um livro de história da arquitetura e dava aulas começando pelo Egito antigo e aquela coisa toda. Analisava as colunas, os tipos de colunas, mas nós não queríamos saber daquilo, para a profissão não ia servir para nada. Devia ser uma coisa e já não era mais, e por outro lado ainda não era a nova, porque, vamos ser francos, não sabiam como fazer.

No quinto ano era arquitetura no Brasil, uma exigência do Governo Federal para aprendermos a história da arquitetura colonial no Brasil, que tinha a ver com o IPHAN. Então, em geral, a turma do IPHAN dava essas aulas.

Mas em São Paulo, o diretor do IPHAN, Luís Saia, havia brigado com o professor Anhaia, então ele não nomeava o Saia e o Saia não deixava nomear nenhum outro. Então trouxeram o professor Eduardo Kneese de Mello, que de teoria não sabia quase nada, mas era um professor que viajava muito e tinha uma belíssima coleção de diapositivos e ajudou a fundar o IAB e foi o primeiro diretor do IAB no Brasil.

Ele estava dando não projeto, mas arquitetura no Brasil e nos dava aula sobre arquitetura colonial, com fotografias. Para fotografar era um espetáculo – tremia muito, mas quando parava, batia fotografias perfeitas, em foco. E, depois, fui assistente dele.

Isso era o que se fazia, mas mesmo do ponto de vista do IPHAN, eles não tinham conhecimento técnico daquelas construções, só o Luís Saia que trabalhava no IPHAN e tinha os desenhos e levantamentos – alunos da FAU do primeiro e segundo ano, iam para lá trabalhar como estagiário e faziam levantamento dos edifícios. Então, nós tínhamos um convívio muito grande com arquitetura tradicional através desse tipo de trabalho.

## **CENTRO DE ESTUDOS FOLCLÓRICOS E AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES DO GFAU**

Houve em São Paulo, o congresso de folclore. Do ponto de vista da sociologia, era do pessoal ultraconservador, mas o povo não sabia disso, então, o que pareceu um congresso de coisas sociais – a visão social do espaço – foi o congresso de folclore.

Os alunos fundaram o centrinho cultural nosso do GFAU, puseram como nome Centro de Estudos Folclóricos. Quando o Benedito Lima de Toledo foi o presidente, uns dois anos depois que me formei, mudou, passou a ser Centro de Estudos Brasileiros. Ele estava muito correto, corrigiu o nome. Mas ali nós organizávamos publicações: pegávamos, por exemplo, o primeiro grande artigo do Lúcio Costa na Revista do Patrimônio – era o sumário da arquitetura civil colonial mais antigo – e imprimíamos. Eu, como calouro, fui chamado, pegava folhas para montar as publicações. Tínhamos uma editora no GFAU.

O GFAU fazia cadernos, nós publicávamos muitos artigos, como o Piauí e Sua Arquitetura, do professor Paulo Thedim Barreto, que era importante porque mostrava a arquitetura civil, mesmo no IPHAN ninguém escrevia sobre arquitetura civil. E ele escreveu sobre três cidades do Piauí que tinham planta regular, foi daí que eu comecei: como é que existia plantas regulares no Brasil do século XVIII e ninguém sabia disso? Aí o americano Robert Smith e o Sérgio Buarque de Holanda escreveram: “aqui não tinha planejamento urbano nenhum. Havia os ladrilhadores, que eram os espanhóis e os semeadores, que eram os portugueses.”, uma inverdade total.

Então, comecei a pegar os mapas de outros lugares e está aí o Quadro de Vilas e Cidades do Brasil Colonial. Quando fui para Portugal fazer a conferência para lançar o livro, você não imagina como eles me abraçaram, porque havia provado que os antepassados deles haviam feito cidades planejadas no Brasil. Tudo era planejado. Mas isso veio lá do GFAU, do Centro de Estudos Folclóricos, do Piauí e sua Arquitetura, aprendi isso no segundo ano da faculdade.

Veja sobre o problema institucional: eu viro professor, pego isso e levo à frente. O que fui fazer na FAU como professor? O que eu fazia no GFAU. O que foi nossa vida no GFAU, foi nossa vida dentro

da faculdade. Essa briga começou lá atrás, desde que nós entramos, já estávamos construindo a faculdade no momento em que nós entramos porque as instituições não correspondiam às necessidades da escola nem às nossas.

## **AS PRIMEIRAS VIAGENS COMO ALUNO E AS FOTOGRAFIAS**

O Gustavo Neves da Rocha era o homem mentor nosso no Centro de Estudos Folclóricos. Era mais velho, e por outro lado, não era da turma do IPHAN.

Quando terminou o primeiro ano, eu já estava com isso traçado. Mal entrei no GFAU, já queria estudar isso, ir para as outras cidades brasileiras. A lição do IPHAN era: tem que conhecer a arquitetura brasileira de outras épocas também. Então, eu disse: vou viajar para Bahia e Recife.

Fui conversar com o Gustavo, que era do grêmio, e ele me disse que outro colega queria ir e decidimos ir os três. Nós sentamos e organizamos a viagem, mas quem propôs fui eu. Um deles disse: temos que parar em Vitória – muito bom, tem coisas lá que se conservaram, igrejas antigas, muito simples.

Com muita dificuldade, compramos passagens. Saía daqui e tinha que parar no Rio. O avião para o norte saía do Rio, às 6 horas da manhã, para aproveitar a luz do dia - de noite eles não voavam. A prática era essa, tudo difícil.

Saí daqui e dormi na casa de uns primos no Rio – pior que me convidaram para uma festa, fui à festa e às 4 já tocou o despertador. Saí, fui ao aeroporto e encontrei com os colegas lá – não sei como chegaram, mas eles chegaram.

Nós descemos em Vitória. Passamos dois ou três dias fotografando. Meu tio havia me emprestado uma câmera cinematográfica e um pouco de filme, saí filmando, não tinha câmera fotográfica ainda. Nos divertimos muito.

Fiquei encantado, não tinha ideia do que eu podia ver. Anos depois fui convidado para fazer um livro sobre Vitória, as coincidências da vida. Vi os arquivos, tinha muita coisa boa porque tinha fotografias de Vitória antes da modernização.

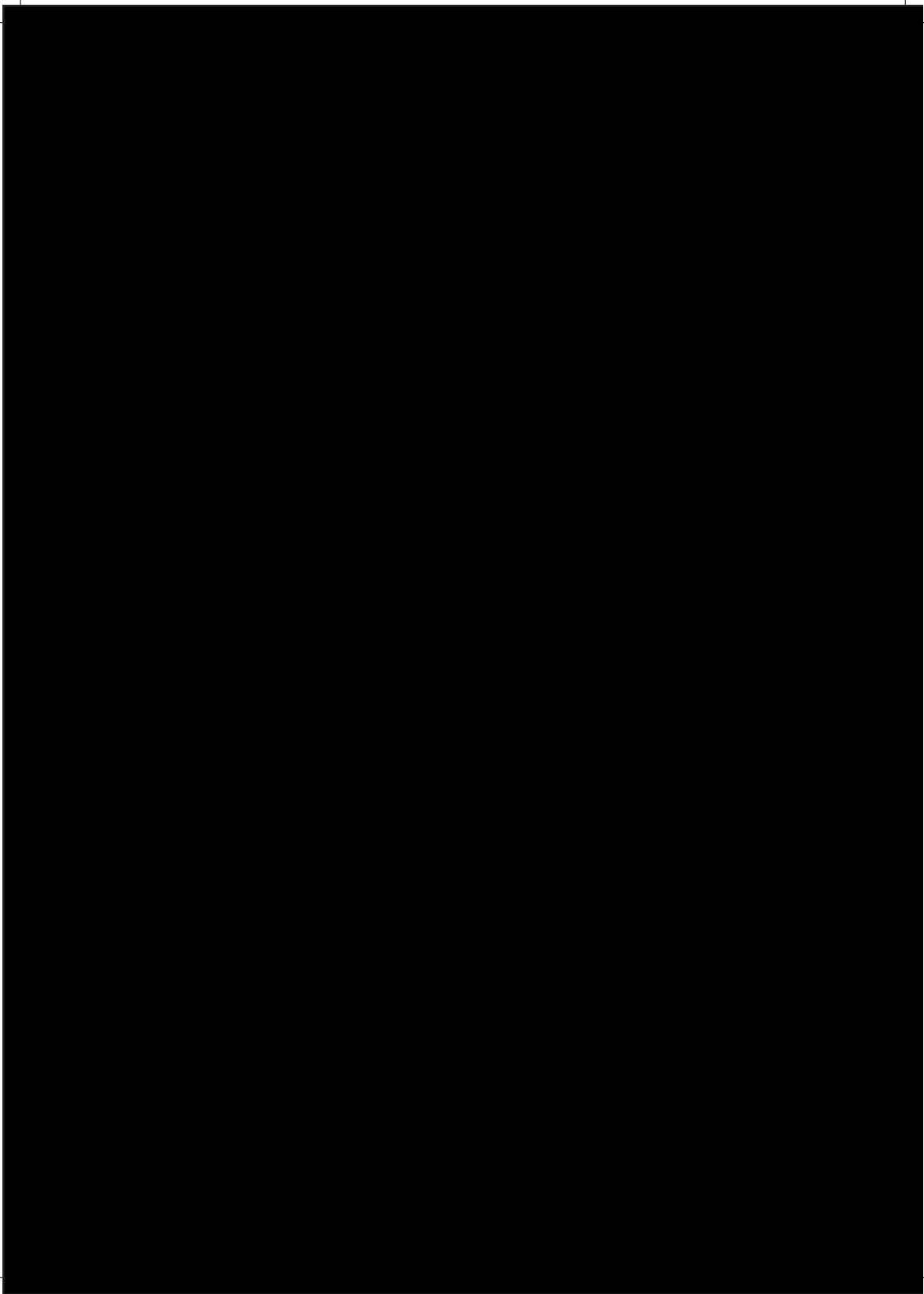
Então, saímos de Vitória para ir à Bahia. O avião voava a uns duzentos metros de altura - a gente via os animais embaixo, as pessoas andando - porque daí a pouco ele pousava em três cidades no Sul da Bahia.

Nós passamos dois ou três dias num lugar, em Salvador passamos vários. Nós íamos na reitoria e pedíamos para eles nos hospedarem em algum lugar - era muita cara de pau. Eles nos colocaram em uma pensão de estudantes - "a melhor que tem aqui", imagina? Ou então foi maldade deles e nos colocaram na pior. Era assim: prédio antigo, quando subia a escada e estava no patamar intermediário, tinha um buraco no teto onde ficava a cozinha. Daquele buraco as baratas subiam e desciam, do banheiro para a cozinha. Lá tive uma aula sobre a Bahia pobre, uma coisa louca. Quando voltei já não era mais assim.

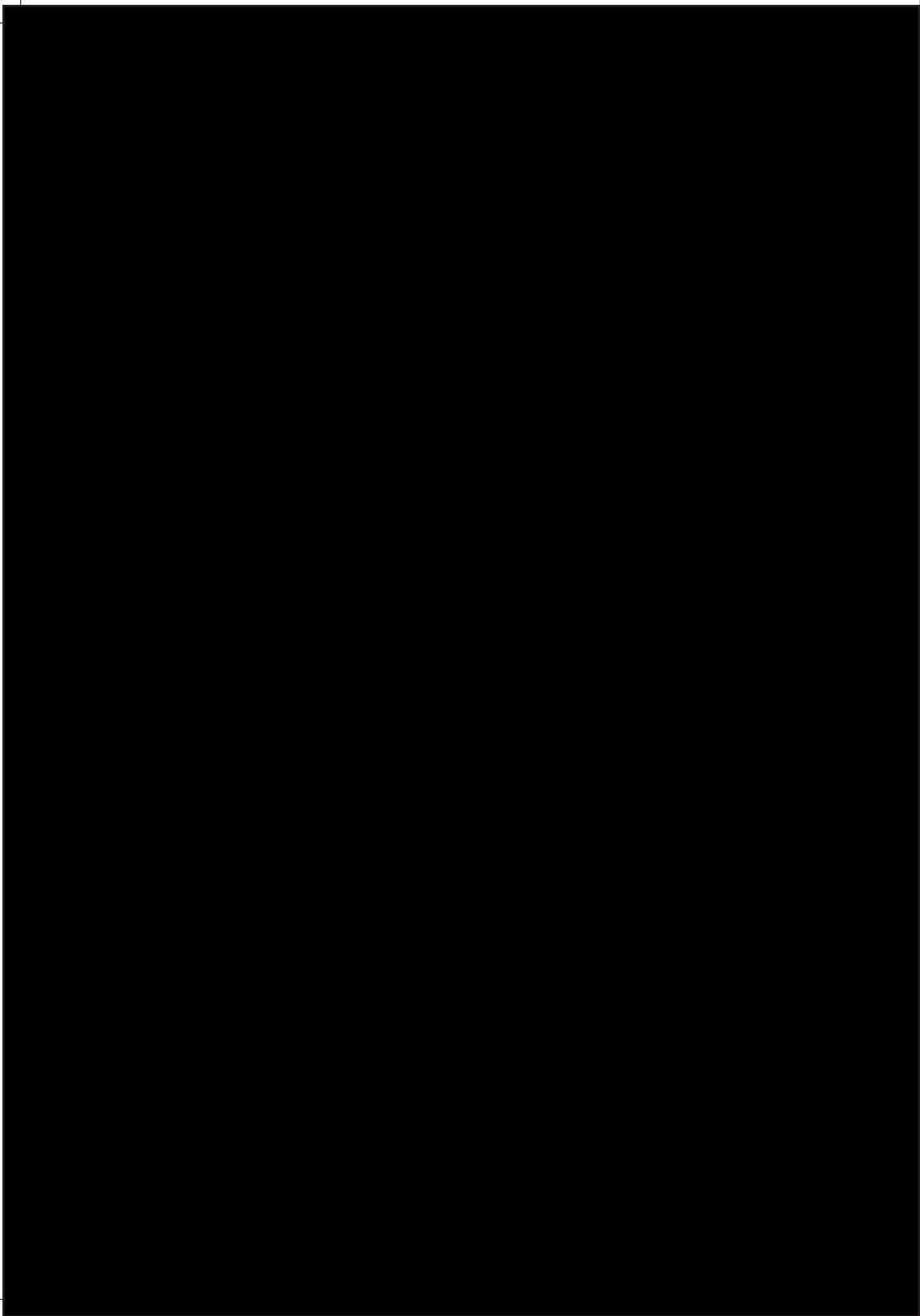
Era uma escola de belas artes em que o curso não era reconhecido. Os alunos se formavam e o diploma não era reconhecido, não podiam ser contratados. Uma vida dura, mas nos entendemos bem, saí fazendo propaganda política daqui até lá: "precisamos derrubar esse reitor". Depois ele escreveu para cá reclamando que tinha ido gente lá propor greve - acho que era eu. O serviço estava feito.

Agora, mudou minha cabeça. Fui ver o que era o Brasil e vi coisas impressionantes porque aqui não existia nada daquilo, o pouco

que existia desapareceu. Esse foi o fim do primeiro ano para mim. Ao mesmo tempo, nós visitávamos todos os bairros de São Paulo, fotografando. Sobretudo os bairros do começo do século XX que ficavam vizinhos da FAU Maranhão, saímos a pé e íamos até a Praça da República, Largo do Arouche. O Quadro da Arquitetura no Brasil, uma parte, explicando aquelas casas, como elas se integravam no lote - como é que passou da casa de um lado para o outro para a casa com jardim na lateral, corredor. Era o que nós víamos ali, não era comum no resto do Brasil.



# PARTE 2: O PROFESSOR



Entrei como professor assistente de Arquitetura no Brasil e fiquei quieto, mas preparando todo o meu material. Só que no ano seguinte, há um concurso na FAU – o primeiro concurso, porque o Artigas ficou enchendo a cabeça do pessoal. Funcionava assim: quem era regente de cátedra podia pedir abertura de concurso e o professor do primeiro ano, de projeto, pediu. Mas ele não era um homem de formação acadêmica. Não é que ele não fosse formado em arquitetura, mas ele tinha zero de preparo teórico e conceitual. Nós, alunos, acompanhávamos aquilo preocupados.

Vieram quatro picaretas dos outros lugares – teve um que veio do exterior. E o coitado foi, porque o Artigas convenceu que ele era obrigado a fazer, e ele fez uma tese: arquitetura no Egito antigo – coitado, ele não sabia nada sobre Egito antigo. E os outros picaretas, você imagina. Se o daqui estava assim, imagina os que vieram de fora. Nós, moços, ficamos furiosos com aquilo.

A banca foi montada com os melhores do Brasil. Quando começou a prova pública, foi um fracasso, uma vergonha. E nós, alunos e ex-alunos, vendo aquele vexame de cinco malucos querendo virar catedráticos da FAU. Aí, nós conversamos e alguém foi – talvez, o Gustavo – conversar com a banca: “olha, queríamos dizer a vocês que nós, alunos, estamos muito mal impressionados. Se vocês quiserem reprovar, não imaginem que vai haver reação contrária, nós vamos apoiar vocês”. Acabou o concurso e foram todos reprovados. Aquilo estava abarrotado de alunos e ex-alunos aplaudindo a banca. E ali, para mim, ficou claro o seguinte: os professores da FAU não tinham a mínima formação teórica, metodológica e conceitual para defender uma tese. Eles só sabiam resolver os problemas da prancheta, a verdade era essa. Nossa formação não dava base para nós fazermos um trabalho teórico. Aquilo foi um vexame histórico. Olhei aquilo e falei: nessa eu não entro.

## O CURSO DE SOCIOLOGIA E A TESE DE LIVRE DOCÊNCIA

Conversei com uma moça, Arlete, afilhada de minha mãe. Ela era formada pela Faculdade de Filosofia. Fui falar com ela: “Olha, Arlete, eu estou nessa, acho que preciso de uma formação. Estou achando que devo fazer ciências sociais. Outra pessoa acha que devo fazer história, mas estou mais inclinado por ciências sociais. Mas não sei os cursos, os professores”. Ela respondeu: “Vai lá, tem um moço lá que está começando, assistente, chamado Fernando Henrique Cardoso. Vai conversar com ele. Eu combino e você vai falar com ele”.

Conversei com Fernando Henrique, político, né? Sempre foi. Ele disse: “Vem assistir uma aula minha, dia tal, às tantas horas”. Fui lá assistir e decidi: vou fazer ciências sociais. Fiquei quieto. Tinha contatos, um sujeito que também queria fazer, ele arranhou umas apostilas, me emprestou e eu estudava toda noite. Fiz vestibular, entrei em segundo lugar, tudo certo.

Comecei, mas era um constrangimento. Entrei no diurno, só tinham três rapazes, o resto eram mocinhas de 18 anos. E eu lá... E todo mundo sabia que eu era professor na outra escola. Isso nunca tinha ouvido falar na USP. Fiz grandes amigos, inclusive o professor Florestan.

A turma da FAU já começava a ficar preocupada. A conversa ficava pesada. Eu já tinha dois diplomas acadêmicos universitários. O que faltava? Parte teórica, conceitual e metodológica. O pessoal não tinha base. Só sabiam olhar para o dedo e mostrar na fotografia.

Recebi essa formação e fiquei seguro. Comecei a escrever minha tese. Conversei com o Lorival: “Quero fazer meu mestrado”. Ele

pediu para explicar no quadro negro. Expliquei. Ele disse: “Então você não vai fazer mestrado, você vai fazer livre docência. Não vai fazer como Florestan Fernandes que fez no mestrado a melhor tese da vida dele. Você vai fazer livre docência.”. E foi isso que fiz.

## **SOBRE AS INSTITUIÇÕES**

Já no vestibular era complicado, porque os que me conheciam, como Fernando Henrique, levantavam e saíam. Fernando Henrique nunca me examinou. Não dá para o colega de uma faculdade examinar o outro, ficar dando nota para ele, é muito complicado. Os outros que fizessem. A maior parte não me conhecia, não sabia quem eu era. Eles não sabiam que eu era professor da outra escola. Ele sabia e sabia por que eu estava lá. Era chato. Se ele tivesse que dar uma nota baixa, ficava uma situação difícil. Ele não deu nota baixa porque ele não me examinou.

Então, fui fazer ciências sociais. Fazendo ciências sociais, ciência política, essas coisas, fiquei com uma visão social sobre o Brasil. Os nossos cursos compreenderam ciência política, por exemplo, que pegava o Estado, administração pública. Então, comecei a ter noções muito mais claras disso porque não existia um curso de política. Existia o curso de ciências sociais, você fazia aquilo, e lá tinha muita gente que tinha carreira política, da minha faixa de idade, naquele tempo. Alguns bons, muito bons. Então, fiquei com clareza de coisas que eu não tinha clareza porque, em primeiro lugar, estava cursando uma segunda faculdade na USP. Eu comparava e via algo que posso falar e que foi fundamental: o pessoal da FAU, dentro de uma tradição politécnica também, via a faculdade meio como se fosse faculdade de física ou de química, escolas técnicas, ainda que de nível superior.

Então, eles estudavam aquilo. E fui percebendo como os arquitetos da FAU e os da Politécnica - especialmente os arquitetos - não tinham noção das instituições do país. Quer dizer, você entra numa instituição fundamental, que é a universidade, e o que os professores da FAU faziam? Os professores arquitetos estavam fazendo um projeto sobre o estacionamento, davam trabalho de estacionamento para os alunos. Eles não precisavam estudar, já tinham estudado para fazer o projeto do escritório deles. O aluno ia falar, e eles já sabiam o que o aluno estava falando. Não tinham trabalho nenhum, quer dizer, a faculdade era uma extensão do escritório.

O que me impressionou foi isso: eles não tinham noção de como funciona uma universidade. Por outro lado, a FAU estava sob o domínio dos politécnicos. Quando Doutor Anhaia saiu, eles eram os únicos que tinham títulos. Os arquitetos não tinham título, não podiam ser catedráticos, não podiam dirigir a FAU, não podiam ocupar os cargos de direção. Então, nós ficamos em segundo plano dentro da nossa faculdade. O pior foram os professores. Eles aceitaram isso porque a relação deles era com o escritório.

Eles chegavam dez minutos antes, não sentavam, em hipótese alguma, na sala dos professores porque lá sentavam os engenheiros. Ficavam no saguão, em uma mesa como essa, junto conosco, conversavam, depois iam juntos embora para as aulas. Eles não conversavam sobre a instituição. Legalmente, eles não podiam pertencer a nenhum colegiado. Portanto, eles não dirigiam a FAU. Mas eram dirigidos e se submetiam a tudo aquilo que os outros mandavam para eles.

Aí vou dizer como aconteceu comigo. O diretor me chamou, indicou, falou com o professor da matéria, que era um arquiteto, e ele concordou. Abriu-se o processo e o processo começou a correr na FAU para me contratar. Meu pai, que passou a maior parte da vida dele

numa repartição pública de saúde, sabia como funcionam as instituições públicas. Ele me chamou e disse:

“Olha, senta aí, vou te dar uma explicação. Eu entendo do serviço público, você não entende. Agora vou te ensinar para você começar a estudar e entender como é. Você tem que ver com quem está o processo, vai procurar, ver se está tudo certo, se pode encaminhar, como é que vai encaminhar. E você vai, de vez em quando, conversando com as pessoas que estão cuidando porque eles vão ver que você está prestando atenção e que aquilo tem um prazo para ser feito. Se você não fizer isso, daqui a dois anos ainda não foi contratado. Vai trabalhar dois anos de graça. Porque ninguém vai se preocupar com seu processo! Só você. Você vai lá, conversa, cumprimenta, explica, pergunta como está. Você não vai ofender ninguém.”

Isso começou em fevereiro. Eles me nomearam em agosto, e eu achei que tinha demorado loucamente. Meu pai disse: “Se você não tivesse feito o que fez, daqui a dois anos você ainda não estaria nomeado e ainda ia trabalhar de graça sem nem saber se realmente seria nomeado. Porque muda o professor, muda o diretor. Você tem que saber como as instituições funcionam. No serviço público, tudo tem regras, tudo é marcado, e você tem que saber quem é responsável pelo quê.”

Então, me preparei, estudei. Meu pai perguntou: “Você já leu o estatuto da faculdade? Não? Então vai ler o estatuto. Vai lá pedir uma cópia e estuda o estatuto. Você já leu o regimento? Não? O regimento é para administração. Vai lá ler o regimento, saber como funciona.” Foi assim que eu aprendi a pensar institucionalmente. Em seis, oito meses, saiu minha nomeação porque fui fazendo funcionar.

Quando percebi que na FAU nem os professores tinham lido o estatuto e o regimento, entendi que estavam ali como se estivessem em seus próprios escritórios. Não dá para trabalhar seriamente numa ins-

tituição, sobretudo numa universidade, sem saber como ela funciona. Você tem que pegar os papéis, pôr em cima da mesa, estudar, tomar nota, grifar. Se eu não soubesse tudo isso, não seria nomeado. Percebi que na FAU era tudo assim porque os arquitetos trabalhavam em seus escritórios e não tinham interesse em carreira universitária. Alguns poucos, como o Artigas, queriam, mas a maioria não se importava.

Ao fazer o curso de ciências sociais, aprendi a ver isso, estudar, pensar sobre as instituições. Por isso minha ação era diferente da dos outros. Tinha consciência das condições em que vivíamos e vi que, daí por diante, isso era parte do meu trabalho. Porque, numa cidade, o que funciona são as instituições. No país, funcionam... Mas, na cidade! Então, você não pode estudar urbanismo sem entender como são as instituições. Essa é a questão central.

Assim, ao fazer minha carreira, primeiro orientado pelo meu pai, depois pelo que aprendi em ciências sociais, vi que precisava levar essas questões a sério. Comecei a olhar e ver as coisas da FAU e da USP, e fiquei preocupadíssimo. Quem cuidava das instituições eram os funcionários. Os professores estavam todos voando, nas nuvens, sem entender nada da administração. Aí mudava o jogo político e bons professores eram mandados embora porque ninguém propunha o nome deles.

As coisas não iam funcionar porque não eram feitas para funcionar. E, para funcionar, é preciso construir as instituições corretamente. Não dá para ser diferente.

## **MONTAGEM DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO**

Lá na Faculdade de Filosofia ficou claro como era isso. Quer dizer, a FAU não podia ter congregação porque seus professores não faziam concurso. Nenhum deles tinha concurso, então não podiam fazer parte

da congregação. Se não podiam fazer parte da congregação, o diretor pegava e mandava gente de outras faculdades formar a congregação.

Então, era preciso ter profissionais titulados para constituir a congregação e a FAU ser independente. Qual era o caminho? Criar cursos de pós-graduação para todo mundo fazer. Trabalhei para criar o primeiro curso.

Primeiro, fiz concurso. Já estava na Faculdade de Filosofia, sabia exatamente o que tinha que fazer: fazer concurso, fazer curso de pós-graduação e concurso.

No momento em que os cursos começaram a formar gente na FAU, os professores da FAU começaram a fazer concurso. O curso de pós-graduação foi dado dois meses depois que fiz a livre docência. Nós montamos, eu e o Juarez.

Assim que acabei o concurso, conversamos. Politicamente, era fundamental, era uma lição de instituições. Montamos o curso de pós-graduação e levamos um susto porque cento e vinte professores, quase todos os professores da FAU, foram fazer. Ninguém queria ficar de fora. Ninguém queria ficar para trás.

Assim que acabou o curso, organizamos concurso de doutorado. Abrimos para fazer doutorado e apareceram uns catorze para fazer. Então, esses já podiam fazer livre docência. Quando aquilo acabou, a FAU tinha mudado! Os politécnicos começaram a prestar concursos correndo. Os diretores decidiram: “Vamos montar a congregação!”. Claro, quando íamos montar a congregação, eles montaram a deles. Só tinha engenheiro.

Mas continuamos. Agora entendíamos do assunto. Encheu de doutores, livre-docentes. Aí não dava mais. A solução deles foi começar a fazer concurso, porque não dava. Eles não podiam mandar na FAU daquele jeito. Nós não conseguiríamos desenvolver as coisas nossas, definir os nossos programas. Eles não iam soltar a congregação.

## **CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA DE ARQUITETURA E URBANISMO NA FAPESP**

PPor sorte, naquele tempo, foi criada a FAPESP, a Fundação de Amparo à Pesquisa. Mais uma vez, era uma instituição que patrocinava as pesquisas, dava o dinheiro, mas exigia que fossem dadas todas as explicações e mostrasse como aquilo ia funcionar. Como eu estava interessado em pesquisa, estava na frente disso.

Uma das suas perguntas é sobre isso. Eu e o professor Flávio.. Flávio Mota não era arquiteto, era professor de história da arte e se formou em pedagogia pela Faculdade de Filosofia de São Paulo. Então, ele não tinha nada a ver.. Mas era um professor de história da arte e adorava aquelas coisas da FAU. Muito bom professor. Ele também se preocupava.

Chegou um dia, ele e eu conversamos, só nós dois, na FAU. Pedimos dinheiro para a FAPESP, que já estava criada. As outras escolas estavam abarrotadas de dinheiro, e na FAU não tinha ninguém fazendo pesquisa.

Aí, eu disse: “Flávio, esse negócio tá errado. Essa instituição não está funcionando.”

“Mas por quê?”

“Porque na FAPESP, a arquitetura está dentro da engenharia. Veja que burrice! Arquitetura está dentro da engenharia! Aí, são os engenheiros que vão julgar os nossos processos. Nunca aprovaram nenhum! Não só não entendiam do assunto, como queriam não entender. O dinheiro era deles, estavam dividindo entre eles e se sentiam perseguidos. “Tira esses arquitetos daqui!””

“O que que nós vamos fazer?”

“Vamos lá fazer uma visita.”

Era o terceiro diretor da FAPESP. Muito inteligente. Ele começou a me falar sobre as instituições, e me entendi muito bem com ele. Então, fomos lá e dissemos:

“Professor, aqui tem uma coisa errada. Arquitetura está dentro da engenharia. Nenhum projeto está sendo aprovado. O senhor acha que os engenheiros vão dar dinheiro da engenharia para a arquitetura? Não dá! Arquitetura é um assunto, engenharia é outro!”

“Vocês têm toda razão! De hoje em diante, os funcionários vão receber... Não é junto. Arquitetura está instalada! Mas isso vai ter que ser feito por meio de um ofício, mandar para o conselho. Isso é complicado, porque são pessoas que não são funcionários dele. Vai levar, pelo meu cálculo, de dois a quatro meses.”

Se deixasse, ia levar um ano ou dois. “Mas eu vou fazer isso andar, porque isso é justo, tem que ser feito. Então, vocês podem começar a trabalhar, porque vocês passaram a ter um...”

É isso que você me perguntou. Se eu não tivesse começado a pensar nas instituições como instituições — “Isto tem que ser assim” — eu nunca teria chamado o Flávio e dito: “Flávio, vamos mudar esse negócio.”

Quem mudou fomos nós dois.

## **A TESE DE CÁTEDRA E O PRIMEIRO ALUNO A VIRAR DIRETOR**

Eu não pretendia virar diretor, até porque eu fazia, como todo aluno da FAU, preparava tudo isso sendo um simples assistente recém-formado. Isso, desde o começo, nós alunos vivíamos a FAU desse jeito. Não ficávamos pedindo licença...

O que eu fiz: estudei arquitetura no Brasil com o Gustavo, viajei o Brasil, e com outros. Fotografei. Aprendi a estudar como os nossos professores deveriam fazer — e alguns faziam. Professor Eduardo Knesse de Melo era um grande fotógrafo, viajava... Ele tinha dinheiro, de família... Ele viajava o Brasil fotografando, e depois, outros países também. Era a nossa rotina. Agora, participei daquelas coisas através do GFAU.

Não me programei para ser professor, estudei. O Gustavo tinha um jeito que pegava os mais moços e preparava. Ele fazia isso e ia doutrinando, preparando para serem professores. Ele foi me procurar e disse: “Você não... eu vejo que você não está estudando para, quando se formar, ser assistente de Arquitetura no Brasil. Você está pensando que eu quero esse lugar, eu não quero. Você precisa se preparar, porque você é que vai ser professor.”

Você me fez a pergunta, está aqui a resposta. E aí, estudei, larguei tudo e só estudava material do Brasil. Os tratadistas, os viajantes, li tudo. Em dois anos, li o básico.

Aí também comecei a armar politicamente, como ele fez, para os outros virem. Isso não era... não era eu e ele. Era a faculdade.

Segunda coisa muito importante: a Poli mandou para nós os professores catedráticos — era normal. Eram professores que trabalhavam numa disciplina secundária da Poli. Uma era construção civil, e o Lira era assistente numa dessas. Extremamente simpático, conversava muito bem.

Então, quando fazia trabalho, a gente tinha que trabalhar na sala com ele e ele levava uma tarde inteira conversando muito com a gente sobre a faculdade. Era como se fosse a faculdade dele.

Aí ele chegou pra nós e disse: “Olha, quem tem que voltar aqui como professores são vocês. Vocês precisam prestar atenção no que eu estou

falando. Esses professores que estão aqui, eles não ficam aqui, eles não param aqui, eles não se interessam pela FAU, não estudam na FAU. E mais: ninguém sabe tudo que acontece na FAU inteira, só vocês que são alunos de todos os professores. Vocês assistem todas as aulas, vocês sabem que aulas são boas, que aulas são ruins, como é que tem que resolver isso. Vocês têm que se preparar para serem professores da FAU.” E ele era politécnico, mas não era da nata mandona, sabe?

Junto a isso, o Gustavo falando comigo, então, aceitei o desafio. Desativei tudo que me atrapalhava e, durante dois anos, me preparei para ser assistente de Arquitetura no Brasil.

Aí, no fim de um ano, aconteceu o seguinte: professor Eduardo Knesse de Melo era o titular — não era catedrático, ele não fez concurso nenhum. Ele era um homem muito educado, muito gentil. Ele foi viajar e viu o começo da industrialização da construção civil na Europa, nos Estados Unidos. Voltou e disse: “O Brasil precisa ter isso”. Como ele era de família rica, ele achou que podia fazer, e chamou dois amigos, que também eram ricos, e disse: “Nós três vamos fazer isso”. E aí, apareceu um advogado muito inteligente e disse: “Não, eu organizo isso para o senhor”. No fim de um ano, os três estavam inconformados, e o advogado estava milionário.

Aí ele teve que trabalhar fora do escritório dele durante algum tempo para recuperar a condição dele e ia pouco para a faculdade. Era uma situação difícil. Ele foi presidente do IAB, foi nomeado em um cargo em Brasília que ele acompanhava as obras do Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, etc. Ele era um fiscal de alto nível.

Então, ele tinha que passar a semana lá. Ele vinha correndo de avião na quinta-feira à noite para chegar na sexta de manhã e nos dar aula. Ele dava boas aulas porque conhecia tudo aquilo, e os slides eram maravilhosos, e a coisa ia...

Mas os tempos estavam mudando um pouco. De qualquer forma, o Gustavo disse: “Vamos convencer o professor a te contratar como assistente.” Não acreditei, mas continuei estudando e me preparando.

Aí a FAU recebeu um outro engenheiro como diretor da Poli, que tinha acabado de fazer concurso de cátedra na Poli. Naquela rodada dos engenheiros, o professor foi ser diretor da FAU.

Aí o Gustavo vai lá e começa a contar: “ele vai, ele faz pesquisa, ele vai aos outros estados, já foi o Brasil inteiro. Ele fotografou tudo no Brasil, ele tem os slides, ele dá aula para os outros...” Aí, isso foi mortífero. Ele disse pro diretor: “O professor está viajando, quem dá aula pros alunos é ele. Antes do exame, ele tinha dado duas, três aulas, os colegas todos foram aprovados.”

O diretor disse: “Então eu vou nomear esse rapaz. Manda ele vir aqui.” Quinze de dezembro, era o dia da nossa formatura: “Você vai ser nomeado.” Aí virou o ano, dia quatro de janeiro, fui chamado pelo diretor da faculdade.

O antecessor dele disse que ia abrir concurso naquela cátedra. Quando ele disse: “Vou abrir os concursos na FAU! E o senhor vai fazer o concurso.” Eu disse: “Você está enganado. O senhor não abra esse concurso. Eu não vou fazer um concurso para disputar a cátedra do homem que foi meu professor, na hora que está na situação que está. Você acha que eu vou fazer isso com ele? Não vou. O senhor não abra esse concurso, porque eu não concordo — e não sei de outro que possa concordar.” Ele não abriu, mas o professor morreu sem saber que fiz isso.

Não é o que você possa imaginar. Era uma coisa feita por nós, alunos... E aí comecei a ajudar a entrarem outros. E quando já era livre-docente, demos o primeiro curso de pós-graduação... Primeiro

concurso de doutoramento: dez professores assistentes da FAU foram conversar comigo — Joaquim Guedes, Miranda Magnoli... fui orientador deles todos. Levei dez pra dentro.

Nessa hora nós éramos estudantes. Nós fazíamos as coisas com muita simplicidade também — se não desse certo, nós íamos fazer outra mais adiante. Não tinha essa: “agora vou ser diretor”. Ninguém me pôs como diretor, nunca me propus a ser diretor. E quando o outro disse para eu disputar, disse que não faço isso de jeito nenhum. Entendeu? Eu estava lá conseguindo ter um lugar para ser pesquisador.

Então, fiz a livre-docência. Quando acabei as ciências sociais, estava preparando a tese. Em seguida, ficou pronta, porque não era de graça que eu estava lá. Era da Evolução do Brasil. E só havia uma disciplina dessa no Rio e outra em Belo Horizonte.

Aí eu já era o primeiro livre-docente da faculdade. Aí por isso que inventei os doutorados dos colegas. Era tudo assim, um pouco improvisado, não é? E, por outro lado, uma ousadia. Nós não recuávamos. Nós tínhamos que enfrentar as coisas.

E o professor Lira estava lá: “Não, vocês têm que tomar...” Sabe como é que é? Era a gente que achava que isso era o certo e assim que tinha que ser. E o Gustavo dedicou uma parte da vida dele a isso, sabe?

E eu, nessa altura, já tinha concluído as ciências sociais e estava publicando meus artigos. Fiz publicações de coisas... E preparei, nesse período, a tese de cátedra. Fui preparando, como sempre fazia: já vou fazendo, depois a gente vê o que acontece.

Aí o diretor abre o concurso, e eu faço. Fui o primeiro ex-aluno a fazer cátedra, e eles sabiam perfeitamente o que isso queria dizer.

Quando houvesse indicação de diretor, na lista tríplice, tinha que ter o único catedrático da FAU! Eles puseram uma faixa lá na entrada: “Nestor Diretor”.

Deu um bode lá na cabeça dos outros... Nem queiram saber. Veio um pânico lá na velha guarda...

Quando eu estava na sala, eram uns taludos... me pegaram. Quando fui saindo, no corredor da sala dos espelhos, me agarraram... Saí carregado até... Eles foram me deixar lá do lado de fora.

Aí a conversa era outra, né? Aí ninguém mais podia me tirar, eu falava mais grosso. Mas começamos a dar curso para formar os outros. Por isso que eu formei uns dez... Naqueles dois anos, formei uns quinze doutores.

Ah, eu conhecia a FAU como conhecia a minha casa. A FAU era a minha casa. Passava tanto tempo ou mais tempo dentro da FAU do que dentro da minha casa. Era professor em tempo integral, ficava lá — naquele tempo — seis, oito, dez, doze horas. Na minha casa eu ficava pouco. Saía correndo de volta para a FAU.

Mas sabia que ia haver reação... isso, é claro que ia haver. Um ex-aluno vira catedrático... você acha que os alunos vão ficar comendo mosca? Coisa nenhuma. Eles se organizaram.

Quando eu saí carregado, com a faixa, vi também a reação que eu ia sofrer. Não deu outra. Eles fizeram o possível para que eu não fosse.

Depois que veio o Lourival, me dava bem com ele. Ele foi meu professor, era amigo dele. Então, a gente sabia o que se passava dentro do conselho, na cabeça do reitor... Então, esse jogo tinha que ser feito.

E os alunos, obviamente, eles sabiam o que significava: mudava a

FAU inteira. Era outra coisa! Era a consolidação desse projeto que o Gustavo começou lá no GFAU..

É isso aí. Todos nós olhamos isso: “É isso que nós precisamos.” Não era... sabe? Me enfei lá? Não era. Eles é que foram pedir por mim. E ao mesmo tempo me cobravam que fizesse coisas.

## **OS LABORATÓRIOS DE SERVIÇO DA FAU**

Os três laboratórios de serviço eram oficinas dirigidas por artífices — menos do que mestre de obra. Para a FAU, aquilo não tinha importância... Para quem dirigia a FAU, não tinha importância nenhuma.

Fui e transformei em laboratórios de prestação de serviços. E, como disse há pouco, contratei alguns dos melhores profissionais nessas áreas. Cristiano Mascaro continua sendo o melhor fotógrafo de arquitetura no Brasil. Era meu aluno lá. Eu era amigo do pai dele, que era professor da Faculdade de Filosofia, educação.

Mas a gente sabia um do outro. Cada um sabia o que o outro fazia, nem precisava... não precisava estender a conversa. Começa a conversar, senta aí, vamos acertar as coisas. Então, é claro que era isso que ia fazer. Fiquei muito satisfeito.

Ele levou o Sócrates, que é o único grande restaurador de fotografia em São Paulo. Trabalhou lá na FAU um ano ou dois antes de ir para o Instituto de Estudos Avançados. Aí ele começou a subir. Ele estava lá, prestando serviço, mas ninguém deixava ele crescer lá, não. O Cristiano levou para a FAU.

E o Lúcio Gomes Machado, eu sabia — porque era amigo do pai dele — sabia que o Lúcio se interessava... Ele voltou da Europa estudando coisas de artes gráficas. Quando criei o laboratório, chamei o Lúcio.

Aí o Lúcio me diz:

“Olha, cuidado com esse negócio aí. Agora... não vai sair comprando tipografia. Eu comprei uma pequena, histórica, porque agora existe um negócio de computador. Você senta lá...”

“Ah, onde é? Como é que é? Como é que é? Então vai, vamos comprar!”

Importamos a primeira para a FAU. Uma das primeiras do Brasil.

## **O ORÇAMENTO DA FAU**

Então, na fase em que eu era diretor, mas não tinha... não era catedrático, não tinha estabilidade política, tinha uns quatro ou cinco... Léo Nishikawa, que era do meu tempo, e ele era assistente de Conforto Ambiental. Era complicado, Léo — neurótico que era uma coisa — mas era meu amigo.

Tinha uns cinco ou sete que me ajudavam na diretoria da FAU. E não tinha nada a ver com exercício profissional, né? A gente organizava as coisas.

Um dia, disse:

“Bom, agora o orçamento é esse, nós precisamos desse dinheiro.” Dois milhões, três milhões, um negócio assim que naquele tempo já assustava.

A FAU tinha o pior orçamento da Universidade de São Paulo, tratada como o resto. Era igual ao da Escola de Enfermagem, que é um setor da Faculdade de Medicina. Tudo que elas precisam, a Faculdade de Medicina compra. A FAU era igual. Era um lixo! A Poli foi nos jogando no lixo.

Fiquei quieto, né? Aí, eu era diretor e conversei com a Maria Adélia. Ela disse:

“Não, pera aí. Eu trabalhei com o Delfim, ele era secretário... Eu trabalhava na parte financeira, que dava os auxílios para as coisas, para a USP inclusive. Você só precisa fazer isso, senão os dinheiros vão para as outras e não vão para a FAU.”

Essa foi uma parada difícil. Nós saímos do nível da Escola de Enfermagem e fomos para o nível de primeira linha, entre os dez maiores orçamentos da universidade. Comprei a grande impressora igual à da reitoria — a FAU tinha a melhor impressora da universidade. Não regateei nada. Fui, peguei tudo que precisava.

Agora, tinha uma equipe de guerra, né? Maria Adélia, o Léo... O Léo conseguia ser chato, coitado, mas tinha que ser, porque se não fosse o cara teimoso, não conseguia as coisas.

Nós tínhamos tudo que precisávamos. Tudo de mais moderno que sabíamos por aí — de design, disso, daquilo — levei para a FAU. Sabe?

Conhecia os outros do conselho. Conhecia os outros, conhecia os orçamentos deles... Você acha que eu ia ficar feito bobinho, sendo enganado por eles? Nada!

Só pedi licença:

“Posso ir lá e pedir para a FAU?”

“Pode.”

“Então, é o seguinte: marcamos a entrevista com o reitor para quarta-feira, tal horário, tá bom?”

“Tá bom.”

Na véspera, fui com a Maria Adélia lá. Daí sentei, conversei... Ela prometeu uns livros que o sujeito queria e nunca deu os livros pra ele. Economista da Secretaria da Fazenda. Ele deu tudo que pedimos!

Nós orçamos o negócio. Tinha tudo, tinha tudo.

Agora, não fui eu individualmente, né? É um negócio que nós construímos coletivamente ao longo desse tempo.

## **MONTAGEM DO CPC/USP E A RESTAURAÇÃO DA FAU MARANHÃO**

Chega uma proposta do diretor da Politécnica — que era moço, dinâmico, etc. — pedindo autorização do Conselho, porque já estavam na Cidade Universitária. Pede licença para vender a Poli velha, por uma razão muito justa: com o dinheiro, queria fazer mais residências para estudantes, junto com o prédio que eles já tinham lá. Uma coisa respeitável, muito justa e respeitável.

Começaram a falar... Aí pedi a palavra:

“Olha, isso me preocupa. Não é um caso especial, mas é um exemplo do que se trata. Faço parte do Conselho Estadual. Na Faculdade de Arquitetura, nós temos cursos para estudar restauro e conservação dos bens culturais. Me preocupa muito a situação da USP. Porque a USP tem alguns edifícios, como o da FAU velha, extremamente preciosos. A USP tem uma coleção enorme de museus, com acervos enormes que estão lá, e tem outras coisas do gênero. E não tem ninguém cuidando desse patrimônio cultural. A USP não sabe que existe defesa de patrimônio cultural. E nós somos muito ligados ao IPHAN, ao estadual, municipal. Os nossos professores trabalham nessas instituições. Acho que nós temos que criar uma comissão. A

USP não pode aparecer em público como uma instituição de grande porte que não reconhece nenhuma responsabilidade sobre esses acervos. Isso está errado.”

Aí pediram a palavra, sobretudo as bancadas — como chamávamos, ou como eles chamavam — que eram as dos estudantes, dos assistentes, entendeu? O pessoal mais jovem:

“Claro!”

Começaram a falar...

O diretor da Politécnica ficou assustado. O reitor também:

“Isso vai ser mais um abacaxi! Vai ter mais um prédio, mais secretaria, mais administração, mais não sei o quê...”

Mas é... A outra alternativa era a USP ser criticada publicamente porque era irresponsável. Ela tinha um prédio como o da Rua Maranhão — nosso — que é uma preciosidade...

Aí o reitor acabou me dizendo:

“Eu moro lá ao lado. Aquilo lá não tem nada, tem um prédio velho.”

De fato, o meu antecessor era um cretino. Deixou o prédio todo escorrido, sujo, abandonado. Fechou a porta da Rua Maranhão e mudou para Cidade Universitária. Era um cretino.

Era difícil responder a isso sem ser grosso. Mas aí, no dia seguinte, disse:

“Então vamos lá amanhã cedo. Às dez horas nós vamos ver o prédio. Você não conhece, vamos conhecer.”

“Não tem nada lá! Tem o prédio sujo!”

Ele entrou no prédio, entrou no saguão:

“Nossa! Eu nunca tinha entrado aqui! Eu não sabia que isso estava aqui! Isso tem que estar no roteiro turístico da cidade!”

Veja o que é a loucura dessas coisas! E a sorte é que ele era honestíssimo, correto, etc. Ele disse:

“Não, isso tem que estar no roteiro turístico da cidade de São Paulo! As pessoas têm que conhecer!”

Não entrou em roteiro nenhum, continua felizmente lá de lado. Mas nós conseguimos o dinheiro, restauramos. E trabalhamos, muitos de nós nisso — porque vários pertenciam a esses conselhos, ou eram funcionários, como o Carlos Lemos. Muito bom funcionário de restauro.

Aí voltou à pauta, foi aprovado. Mas já foram criadas as comissões, e sobretudo os moços me apoiaram.

Aí ele:

“Vamos formar uma comissão, então vocês têm que fazer um programa, um isso, um aquilo, para organizar.”

Para dizer que tem que ter uma proposta técnica, administrativa.

Depois ele me disse que imaginou que ia levar seis meses.

Juntei com aqueles moços lá — quatro, cinco... Trabalhamos duas semanas:

“Tá aqui!” — na sessão seguinte.

“Como vocês conseguiram fazer...? Eu nunca vi fazer uma proposta para o conselho em dez dias, quinze dias!”

Mas tá aí a proposta, o conselho aprovou, e estava criado.

Então é o seguinte:

“Esses que fizeram, agora vão ter que tocar esse negócio aí.”

Eu disse:

“Tá bom.”

“Do que você precisa?”

“Preciso de uma secretária e um ajudante datilógrafo.”

“Como?”

“É assim que é...”

Cada vez ele ficava espantado.

“E restauro?”

“Tem uma bolsista que eu peguei do departamento, acabou de chegar de Florença, fez curso de restauro lá, terminou na Itália. Então tá aqui a dona fulana, começamos com ela. E tem os professores do nosso departamento que trabalham nisso. Aí vamos organizando...”

E começamos. Aí nós começamos a ir à rua Maranhão... O diretor em São Paulo é nosso professor — o Janjão, como chamavam. Ele era um ótimo profissional, porque ele foi estudante, foi estagiário lá, e ele aprendeu tudo. Quando entrou aí, começou a trabalhar imediatamente. Dava aula e dava aula dentro da faculdade.

E nós entrávamos no departamento, pegávamos os interessados e começamos. A Casa da Dona Yayá estava ocupada com casa de jogo no Bixiga. Era assim. Se você registrasse, acho que alguém ia pra cadeia! Era um cara que jogou, alugou, disse que era uma coisa muito

simples... Não era. Ele fez uma casa de jogo num prédio da USP, dentro do bairro do Bixiga. Era a Casa da Dona Yayá que está lá — a comissão hoje mora lá. É a sede.

Mas saímos de um prédio e íamos para o outro. E a FAU, obviamente, era uma festa! Aquela parte saindo do saguão... Você conhece bem lá? Saindo do saguão, indo para a biblioteca, ali não estava restaurada. A Regina não restaurou naquele momento, naqueles meses.

Aí depois o Julio Katinsky foi — sei lá, com um órgão ligado à diretoria... Aí ele foi lá e trabalhou naquilo uns meses. Ficou uma beleza a biblioteca! Nós nunca tínhamos visto aquilo que estava... Dr. Anhaia mandou passar a coisa assim por cima, pintou tudo em cima quase. Ó, deu um trabalho pra restaurar aquilo...

## **OS CURSOS DA ABEA**

Essa é uma história que não é só minha. Acho que já era catedrático, aí fui mandado, fui convidado a ir à Brasília. O que que estava acontecendo? Aí depois digo o que fiz, que é só informaçãozinha, não é relevante.

Como o Oscar Niemeyer foi posto para fora da FAU... Ele foi posto pra fora da Faculdade de Arquitetura de Brasília. O Oscar Niemeyer tinha feito o projeto do prédio da UNESCO, e todo mundo sabia que ele é que tinha feito, não era o Corbusier. E ele ficou com prestígio no meio dos arquitetos do mundo e ficou professor da FAU de Brasília.

Aí volta... vem o governo militar: “Tira esse sujeito.” O americano já sabia que podia... “Tira esse sujeito.” Tiraram. Os alunos entraram em greve e ocuparam a faculdade. Ficaram lá dois anos morando lá. A administração não entrava mais lá. Acabou a faculdade, praticamente.

O Geisel pegou coisas assim, sem falar nada, e arrumou. Então: “a Universidade de Brasília tem que reabrir! A Faculdade de Arquitetura tem que reabrir”. Aí o que que ele fez? “Os alunos estão lá dentro, nós queremos que eles saiam e a faculdade volte a funcionar. Se nós fizermos mal feito, os alunos não vão sair. Se fizermos mal feito, os professores vão brigar, os militares vão brigar.”

Então ele vai e pega o diretor da Faculdade de Arquitetura de Porto Alegre, Miguel Alves Pereira — que depois levei para a FAU quando fui diretor, fiquei amigo dele — e o Miguel fica diretor. Porque ele era o presidente nacional do IAB. Então, quem era o único brasileiro que podia ser nomeado diretor da Faculdade de Arquitetura de Brasília? O presidente nacional... “O IAB vai reabrir a Faculdade de Arquitetura.” Aí não tem arquiteto ou estudante de arquitetura que seja contra, entendeu?

Agora, no meio de governo militar: “Mas ele é militar, ele é militar.” Ele vai e põe o presidente do IAB: “Quem vai abrir é ele.” Então o Miguel vai presidir.

Naquele momento, fiz o concurso de cátedra da FAU. Ficou duas coisas: uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo que não tem urbanismo, mas dá arquitetura moderna, então tem que ensinar. Então prestaram atenção no meu concurso, porque ninguém estava conseguindo fazer concurso em faculdade de arquitetura nenhuma. Consegui, tirei nota quase dez.

Miguel fica sabendo que dei o curso. Segunda coisa que Miguel fica sabendo: era disciplina de Evolução Urbana, era da história da urbanização e do urbanismo. Eu já tinha feito a livre-docência. Então, em todas as escolas do Brasil, estavam prestando atenção no arquiteto de São Paulo que deu curso de urbanismo e planejamento durante a graduação e não na pós-graduação, que só tinha no Rio e Brasília.

Então, vou pra Brasília. E aí, como é que ele faz isso? Ele também era maneiroso. Ele me convida para dar o curso sobre o tema da minha tese. Então eu devia dar um curso breve, porque o curso de lá ainda não tinha começado. Ele tinha um mês e aí, no ano seguinte, começava o curso em seguida. Uma habilidade, diplomacia.

E eles me convidam, e vou lá com essa antecedência, começo de dezembro. Fui com a mulher, a filha — que estava desse tamanho... Vou lá para o hotel, os três. Mas outros também chegaram com as filhinhas pequenas. Elas brincavam lá fora.

E dei o curso e eles assistiram, claro, era o único curso que se dava lá. Todo mundo assistiu, gostou. Eu gostei demais de ficar lá. O projeto da acomodação não era do Niemeyer, era do Lelé. Uma inteligência, uma coisa fora do comum. Lamento não ter convivido muito com ele, era um cara extraordinário...

E fiquei dando aula lá e o Miguel de olho, vendo aquilo. Ele era o presidente nacional do IAB. E aí ele vai e me fala: “Vai dar um curso durante um mês”, porque aquele era o curso de introdução. Aí abriu em janeiro, fui contratado outra vez para dar um curso em janeiro. Fiquei lá uns dois, três meses.

Aí o Miguel ficou meu amigo, gostou do estilo, de coisa política, administrativa... E aí me chamou: “Olha, tem um negócio aqui que eu quero que você veja: nós estamos com a crise dos excedentes.” Sabe o que era a crise dos excedentes? Não tinha vaga.

As moças do Brasil resolveram entrar nas faculdades, o resto era conversa. E quando elas foram no vestibular, não dava mais faculdade para todo mundo. Então começaram a pedir, e aí os particulares começaram a inventar universidade de picareta por aí, faculdade de picareta.

Isso nos deixou preocupados. Medicina ficou preocupada. Imagina, faculdade de medicina de picareta? Estava assim... Dá dinheiro. De repente tinha um monte de faculdade. Catorze, quinze, não sei.

“Olha, só o IAB pode resolver esse problema. Fui ao Ministério da Educação, na diretoria de assuntos universitários, é um sujeito excelente. Você tem que fazer o que fizeram na medicina: você cria a associação de escolas que representa as escolas, e cria... que ficava oficial, Comissão de Ensino de Arquitetura do Brasil, do Ministério, que vem e fiscaliza.” Eu estava na comissão.

Então nós, ele e eu e mais três ou quatro, só nós, e visitamos todas as faculdades de arquitetura. Não sei, quinze, dezoito. Conhecemos o Brasil inteiro. Gente muito interessante e bestas quadradas, animais. Professor de hidráulica, que dirigia em Belém, tomou conta... Poder! Era um milico. Tomou conta do curso de arquitetura para ganhar um tanto. Nós conseguimos tirar, foi pra rua.

Os outros aí já queriam me bater aqui em São José dos Campos. Quando eu... eu fiz uma piada grossa, eles levantaram: “Senta!”, sentaram. Disse: “Meu carro oficial tá lá fora me esperando, era da FAU. O ministro é que me pediu para estar aqui. Então os senhores...” Eles, milicos, aprenderam a obedecer desde moço. Mas eles levantaram das cadeiras para me bater. Engoliram meu desaforo.

Tinha caído um avião da FAB, que é fabricado em São José, e eles tomaram conta da faculdade de arquitetura e fizeram um programa e puseram todos os arquitetos para fora. E fui lá. O ministro me chamou, telefonou, mandou falar. Fui, peguei o carro da FAU e fui lá. Cheguei lá, e eles começando a enrolar, pensar que eu era bestinha...

Eles puseram todos os arquitetos para fora, pegaram um arquiteto recém-formado, não tinha dois anos de formado, mandaram fazer o

regimento da FAU. E os milicos tomavam conta de tudo.

O Miguel, como presidente do IAB, programou isso junto com o Ministério, essas duas comissões, as nossas aqui. A ABEA... e tem o nome da outra. ABEA e CAU. A CAU é comissão. Éramos nós com o Ministério. A ABEA era Associação Brasileira. Ela existe até hoje. Há uns dois anos fizeram a reunião aqui em São Paulo. Foram me procurar para cumprimentar...

Comecei a contar, eles não sabiam mais a origem, porque ficou fechado muitos anos. Mas olha, foi uma experiência de vida maravilhosa. Mas isso foi o Miguel Pereira que organizou.

Como eu estava em Brasília, ele aproveitou, porque, àquela altura, já tinha criado duas matérias numa faculdade de arquitetura. Os outros saíram criando por aí. Eu era respeitado nessas coisas...

E o Miguel me deu um apoio muito grande. E os outros, os outros companheiros lá eram gente muito boa. Um do Ceará, maravilhoso. Arranjei bons amigos.

Mas, essas duas comissões não fui eu que criei. Eu era membro delas e levei coisas pra FAU e apoiei. Aí sim, o Miguel me encomendava. Fazia programas de curso para professores em áreas difíceis e depois ajudava a realizar...

Organizava as primeiras aqui, depois uma em cada estado, cada região. Então, organizei as coisas difíceis. Professores de paisagismo, só tinham dois no Brasil. Chamamos os professores que delegamos para eles, convidamos para dar curso, e mais outras pessoas, botânica, etc. Organizamos, avisamos as faculdades, todos mandaram candidato para fazer curso.

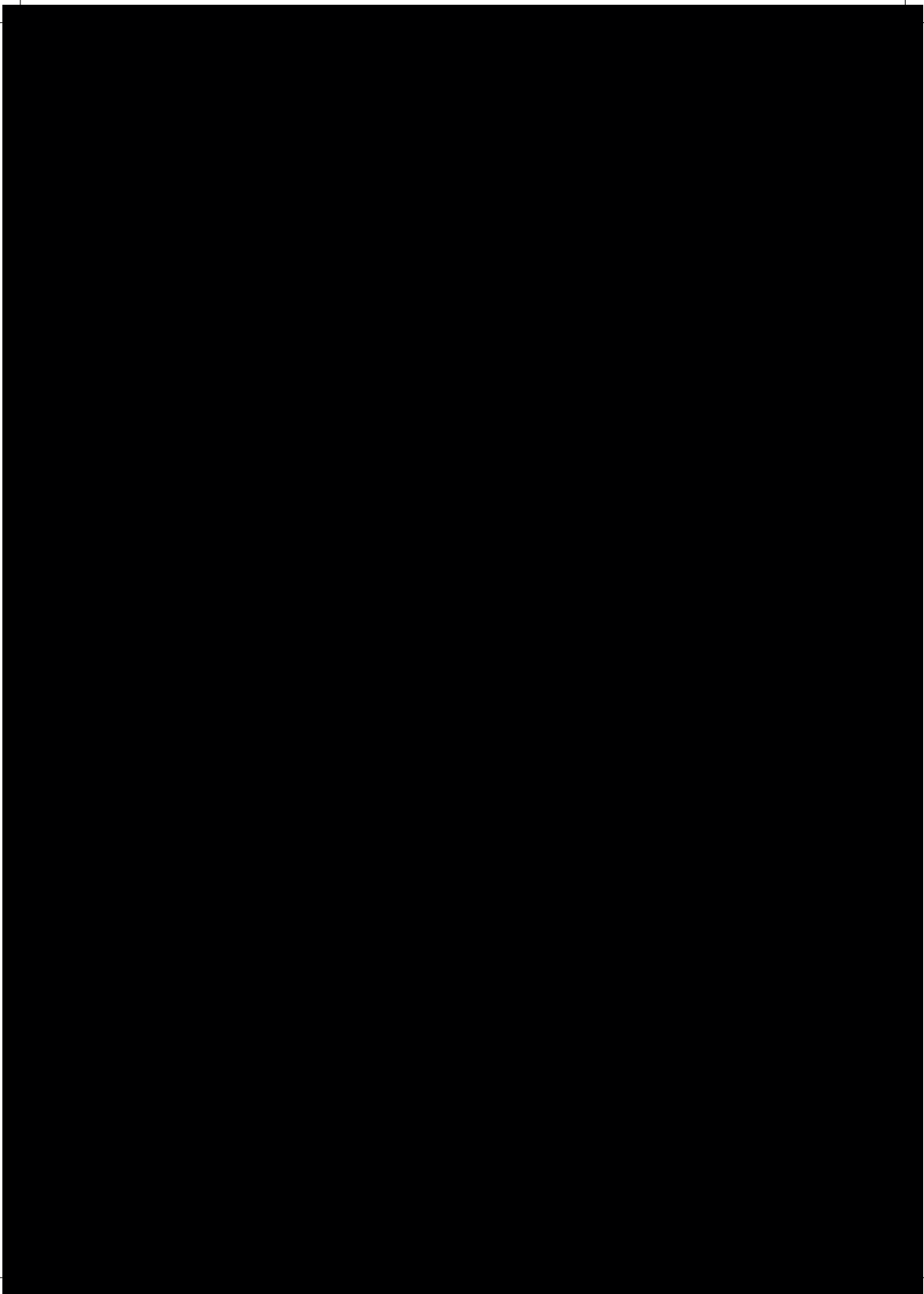
Conforto ambiental é uma expressão que foi criada na FAU em lu-

gar de física. Era o professor Cintra do Prado. Mas aí, no lugar dele — ele já estava mais velho — veio o professor Pompéia. Os filhos dele andam por aí, são bons pesquisadores. Eles eram físicos, mas se adaptaram ao nosso padrão, felizmente, dos arquitetos.

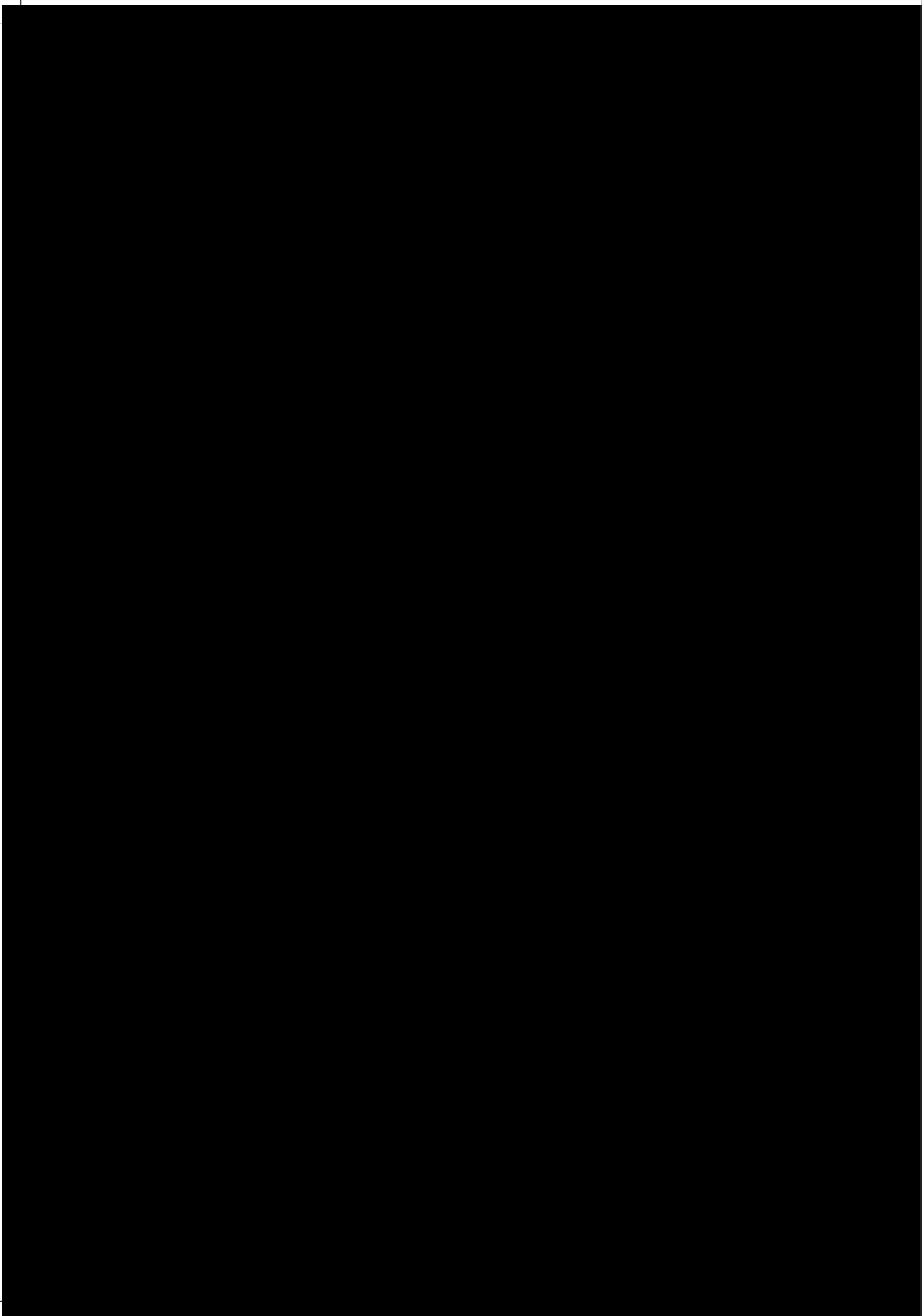
Então nós fizemos. Era muito bonito isso, porque você... cada faculdade do Brasil — não me lembro mais quantas dezenas que eram — eles mandavam seus moços para fazerem os cursos. E nós fazíamos uma reunião dos professores por área a cada dois, três meses.

Íamos fazendo isso, mandando para o Ministério e eles mandando dinheiro. Tinha uma equipe de trabalho. Então, não fui eu que criei isto. A ideia central era do Miguel, era o papel da comissão. Era uma comissão nacional.

Então nós fizemos, por exemplo, História da Arquitetura. Nós fizemos em Salvador. A outra... sabe como é que era? Era muito bonito isso, viu? Você conviver com os colegas do Brasil inteiro. Mas quem organizou o básico disso foi o Miguel Pereira, como presidente do IAB e como presidente da comissão.



# PARTE 3: FUTURO



*Em 2021, por iniciativa dos alunos, o professor recebeu o título de emérito e, em seu discurso, deixou uma proposta para o futuro:*

Queria aproveitar a presença da nossa diretora e dos membros da congregação para destacar um ponto. Quero dizer umas últimas palavras de sentido propositivo, e não retrospectivo — é o modo de um pesquisador agradecer.

Reafirmo o que chamo de projeto Abraão Sanovicz. Durante muitos anos, ele foi chefe do departamento de Projeto. Durante muito tempo, por muitos anos, Abraão propunha que nós trocássemos de departamento durante um ano: ele levaria mais Projeto para o departamento de História, e eu levaria mais Pesquisa para o departamento de Projeto. Para mim, uma ideia excepcional.

Nos últimos anos, essa proposta não me sai do pensamento — sobretudo porque eu a deixei passar. Não posso mais fazer o que propunha Abraão, porque ele se foi. Mas posso transmitir essa informação e destacar sua importância: pesquisa sobre as condições das práticas profissionais de nossos ex-alunos, as condições de inserção no mercado de trabalho — seja no mundo imobiliário ou em outros — são exemplos fundamentais. Inclusive os estudos de design.

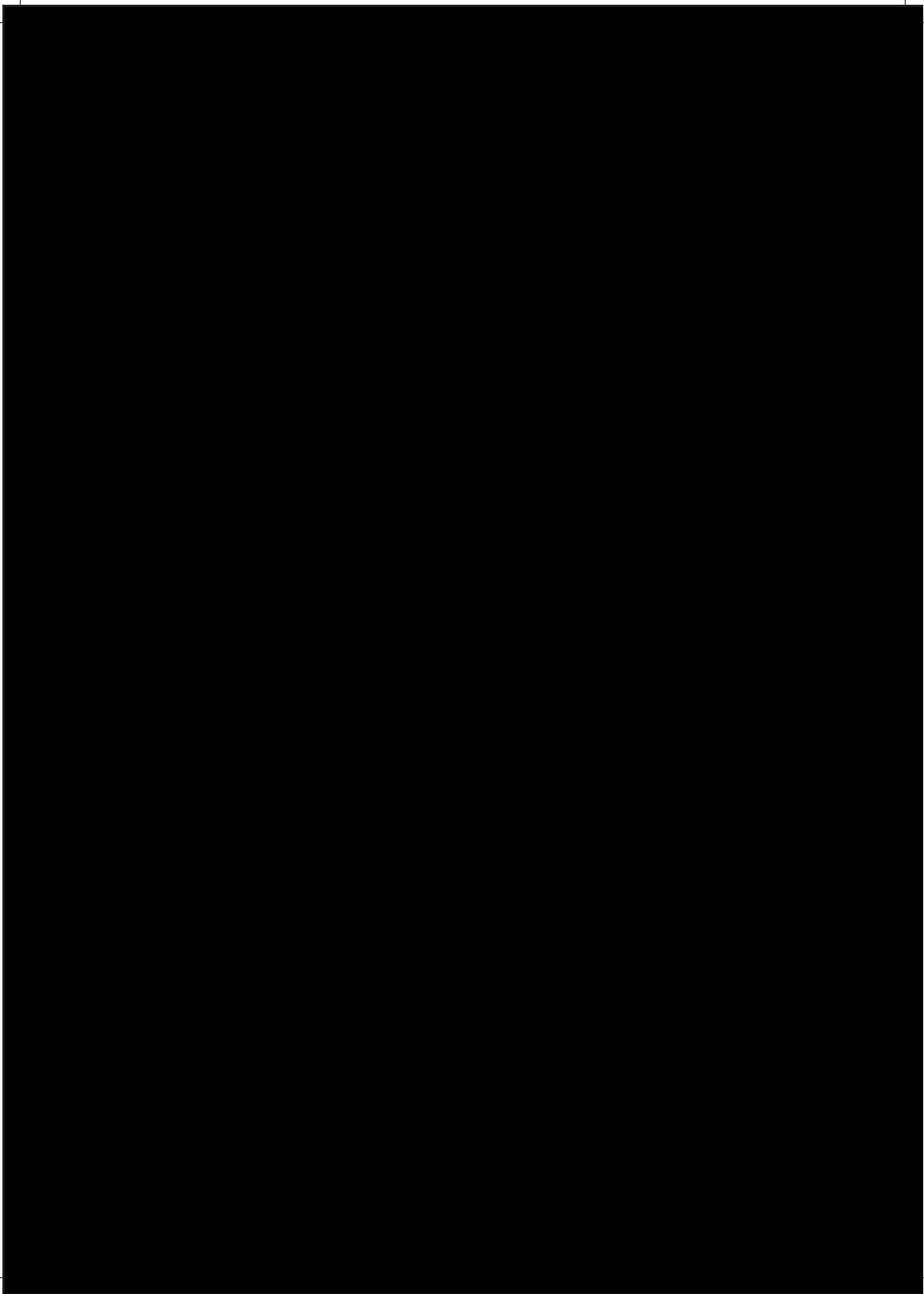
Temos ainda muitos assuntos importantes. Basta observar o que se faz em outros campos universitários e profissionais, não é? Seja de modo formal ou informal: politécnico, economia, medicina... O que é o Hospital das Clínicas para a medicina. Tudo é pesquisa!

Então, a pesquisa para a prática profissional é fundamental para orientar o trabalho — sobretudo dos que se iniciam. Agora que temos alunos diferentes: os nossos alunos não provêm mais apenas das classes mais ricas e da classe média alta — provêm de todas elas. E temos alunos de design que vão enfrentar os mesmos problemas de inserção.

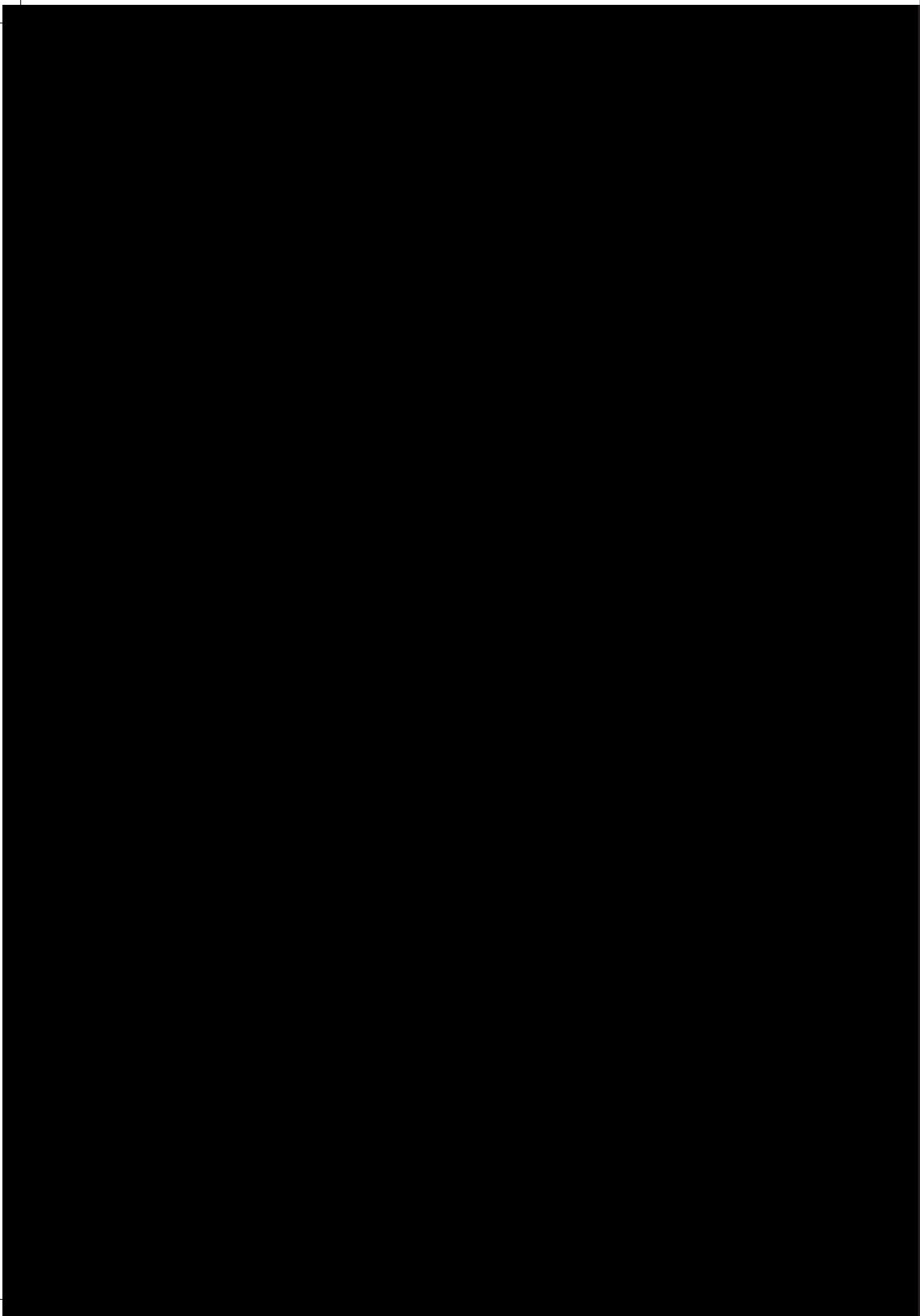
É fundamental fazer pesquisa, levantar dados, começar pelas estatísticas, pelas informações básicas, para compreender as condições do exercício profissional.

Esse é o Projeto Abraão!





ANEXOS



## **PRÊMIOS E TÍTULOS**

### **2023**

Homenagem e Fala na Abertura do 9º. FIPA: Fórum Internacional do Patrimônio Arquitetônico Portugal - Brasil, em São Luiz, Maranhão., Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-Iphan e Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

### **2022**

Nestor Goulart Reis - Professor Emérito Sessão Solene da Congregação da FAUUSP em 25/03/2022, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP.

### **2022**

Homenagem e Fala de Abertura no 17º Seminário da História da Cidade e do Urbanismo: 1822-2022: futuros, demolição & progresso em 05/12/2022 (on-line), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais - FAUUFMG.

### **2020**

Trajetória dedicada à Universidade Pública e à pesquisa acadêmica, APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte.

### **2020**

Mesa de Homenageados no 7º Seminário Docomomo São Paulo, Brasil, Núcleo Docomomo São Paulo e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.

### **2019**

Prêmio pelo conjunto da obra, APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte.

### **2016**

Medalha Mário de Andrade - Comemoração aos 80 anos e contribuição ao Patrimônio Cultural, IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

**2015**

Prêmio Especial do IABRJ 2015 - Categoria Produção Teórica pelo livro As Minas de Ouro e a formação das Capitâneas do Sul, IAB - Instituto de Arquitetos do Brasil.

**2014**

Prêmio Jabuti 1º lugar para o melhor livro sobre Arquitetura e Urbanismo de 2013, pela obra Minas de Ouro e a formação das Capitâneas do Sul, CBL - Câmara Brasileira do Livro.

**2012**

Prêmio Jabuti, 1º lugar para o melhor livro sobre Arquitetura e Urbanismo de 2010, para o livro Dois séculos de projetos no Estado de São Paulo grandes obras e urbanização 1800 2000, CBL - Câmara Brasileira do Livro.

**2012**

Prêmio Internacional "Pesquisa e Teoria", concedido pela Federação Pan Americana de Associações de Arquitetos FPAA, FPAA - Federação Pan Americana de Associações de Arquitetos.

**2011**

Prêmio José Celestino Bourroul, para o melhor livro de História de São Paulo de 2010, pelo livro Dois séculos de projetos no Estado de São Paulo grandes obras e urbanização 1800 2000, APH - Academia Paulista de História.

**2010**

1º Prêmio ANPARQ Associação Nacional de Pós Graduação em Arquitetura, para o livro Dois séculos de projetos no Estado de São Paulo grandes obras e urbanização 1800 2000, ANPARQ - Associação Nacional de Pós Graduação em Arquitetura.

**2006**

Prêmio na categoria Produção Editorial do Concurso de Publicaciones de la V Bienal Ibero Americana de Arquitetura e

Urbanismo pela obra, São Paulo Vila cidade, Metrópole, BIAU - Bienal Ibero Americana de Arquitetura.

**2004**

Prêmio na categoria Produ o Editorial do Concurso de Publicaciones. IV Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Urbanismo - livro, BIAU - Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Urbanismo.

**2004**

Prêmio especial pela obra e melhor livro de 2004. São paulo: Vilq, Cidade, Metrópole, IAB/SP - Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de São Paulo.

**2004**

Prêmio "Melhor livro de 2004" do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo pelo livro: "São Paulo: Vila, Cidade, Metrópole", IHGSP - Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

**2002**

Men o Honrosa do Prêmio Jabuti na categoria Produ o Editorial do livro, CBL - Câmara Brasileira do Livro.

**2001**

Prêmio "Melhor Livro do ano 2000" do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo pelo livro "Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial", IHGSP - Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

**2001**

Premia o anual: melhor livro de 2000, IAB - Instituto de Arquitetura do Brasil - Departamento de São Paulo.



## LIVROS PUBLICADOS

### 1.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Arquitetura e Urbanismo nos primeiros tempos: 1532-1616. 1. ed. São Paulo: , 2023. v. 1.

### 2.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Evolução Urbana no Brasil, 1500-1720. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2023. v. 1.

### 3.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Urbanização e do Urbanismo no Brasil. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2023. v. 1.

### 4.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Urbanização e do Urbanismo no Brasil (no prelo). 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2022.

### 5.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Palavras de agradecimento do Prof. Nestor Goulart Reis na sessão Solene da Congregação da FAU para entrega do título de Professor Emérito. 1. ed. São Paulo: FAUUSP, 2022. v. 1. 52p .

### 6.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Contribuição a Evolução Urbana do Brasil, 1500-1720, reedição (prelo). 3. ed. São Paulo: Edusp, 2021.

### 7.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Notas sobre Urbanização Dispersa e Novas Formas de Tecido Urbano - reedição (no prelo). 2. ed. São Paulo: Edusp, 2021.

### 8.

REIS FILHO, Nestor Goulart. São Paulo e outras cidades - Reedição (no prelo). 2. ed. São Paulo: Edusp, 2021.

**9.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Arquitetura e Urbanismo nos Primeiros Tempos (no prelo). 1. ed. São Paulo: Edusp, 2020.

**10.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; BENTES, Júlio Claudio da Gama (Org.) . Dez anos de Diálogo sobre Dispersão Urbana. 1. ed. São Paulo: FAU USP, 2017. v. 1. 683p.

**11.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; FINGER, Anna Elisa (Org.) . Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural: Monumentos, Arquitetura, Paisagismo, Sítios Arqueológicos, Áreas de Terceiros e Antigos Quilombos. 1. ed. Brasília DF: IPHAN, 2017. v. 2. 255p.

**12.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; BENTES, Júlio Claudio da Gama (Org.) . Dez anos de Diálogo sobre Dispersão Urbana (E-Book). 1. ed. São Paulo: Amazon, 2017. v. 1. 683p.

**13.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; FINGER, Anna Elisa (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural: cidades históricas, conjuntos urbanísticos e arquitetônicos. 1. ed. Brasília, DF: IPHAN, 2016. v. 1. 320p.

**14.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O Caminho do Anhanguera. 1. ed. São Paulo: Via das artes, 2014. v. 1. 144p .

**15.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. As minas de ouro e a formação das capitanias do sul. 1. ed. São Paulo: Via das Artes, 2013. 285p.

**16.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; Smith, Robert (Org.) . Robert Smith e o Brasil: cartografia e iconografia. 1a.. ed. São Paulo: IPHAN, 2012.

v. 2. 361p.

**17.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; Smith, Robert (Org.) . Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo. 1. ed. Brasília-DF: IPHAN, 2012. v. 1. 376p.

**18.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; FINGER, Anna Elisa (Org.) . Pareceres do Conselho Consultivo: cidades históricas, conjuntos urbanísticos e arquitetônicos. 1. ed. Brasília: IPHAN, 2011. v. 1. 371p.

**19.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; FINGER, Anna Elisa (Org.) . Pareceres do Conselho Consultivo: monumentos, arquitetura, paisagismo, sítios arqueológicos, áreas de terreiros e antigos quilombos. 1. ed. Brasília: IPHAN, 2011. v. 2. 325p.

**20.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Dois séculos de projetos no estado de São Paulo: grandes obras e urbanização 1800-2000. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. v. 3.

**21.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre dispersão urbana. 1. ed. São Paulo: Via das Artes, 2009. v. 1. 294p .

**22.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Brasil: estudos sobre dispersão urbana. São Paulo: FAU-USP, 2007. v. 1. 433p.

**23.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; PORTAS, N. ; TANAKA, M. M. S. . Dispersão Urbana - Diálogo sobre pesquisas - Brasil - Europa. 1. ed. São Paulo: FAU-USP, 2007. 383p .

**24.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Notas sobre Urbanização Dispersa e Novas Formas de Tecido Urbano. 1. ed. São Paulo: Via das Artes, 2006. v. 1. 201p.

**25.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Victor Dubugras - Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina. São Paulo: Via das Artes, 2005. v. 1. 144p.

**26.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Estação Cultura: Patrimônio Ferroviário do Povo de Campinas. 1. ed. São Paulo: Via das Artes, 2004. v. 1. 80p.

**27.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. São Paulo: Vila, Cidade, Metrópole. 1. ed. São Paulo: Via das Artes, 2004. v. 1. 236p.

**28.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Leituras Cartográficas Históricas e Contemporâneas. 1. ed. São Paulo: BrasilConnects/MAC-USP, 2003. v. 1. 87p.

**29.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Parque Cientec - Parque da Ciência e Tecnologia da USP - Restauração do Conjunto Arquitetônico de Importância Histórica para Abrigar Atividades de Difusão de Ciência e Tecnologia. São Paulo: EDUSP, 2003. 97p .

**30.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Restauração do Palácio Campos Elíseos - Um Marco na História de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Secretaria da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo, 2002. v. 1. 64p .

**31.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução Urbana do Brasil 1500-1720*. 2ª ed. 2. ed. São Paulo: Editora Pini Ltda., 2001. v. 1. 239p.

**32.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. 1. ed. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial, 2000. v. 1. 411p.

**33.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Racionalismo e Proto-Modernismo na Obra de Victor Dubugras*. 1. ed. São Paulo: Fundação Bienal/ABCP, 1997. v. 1. 211p.

**34.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Memória do Transporte Rodoviário: desenvolvimento das atividades rodoviárias em São Paulo*. São Paulo: CPA Consultoria de Projetos e Artes Ltda, 1997. v. 1. 150p.

**35.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. *100 Anos de Ensino de Arquitetura e Urbanismo em São Paulo*. 1. ed. São Paulo: FAU-USP/FUPAM, 1996. v. 1. 96p .

**36.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades - produção e degradação dos espaços urbanos*. São Paulo: Hucitec, 1994. v. 1. 215p .

**37.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. *História do desenvolvimento rodoviário do estado de São Paulo*. São Paulo: DER, 1993. v. 1. 23p.

**38.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Aspectos da História da Engenharia Civil em São Paulo: 1860-1960*. São Paulo: CBPO-Kosmos, 1989. v. 1. 255p.

**39.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. São Paulo, Guia dos Bens Tombados. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão e Cultura, 1982. v. 1. 192p.

**40.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1970. v. 1. 214p.

**41.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Evolução Urbana do Brasil: 1500-1720. São Paulo: Pioneira, 1968. v. 1. 138p.

**42.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização e Teoria. São Paulo: FAU-USP, 1967. v. 1. 127p.

**43.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Catálogo de iconografias das Vilas e Cidades do Brasil Colonial: 1500/1720. São Paulo: Museum/FAU/USP, 1964. v. 1. 215p.





## CAPÍTULOS EM LIVROS PUBLICADOS

### 1.

REIS FILHO, Nestor Goulart. VIII. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ/2005. Edifício dom Pedro II, Estação D. Pedro II (Central do Brasil). In: Reis Filho, Nestor Goulart; Finger, Anna Elisa. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo: monumentos, arquitetura, paisagismo, sítios arqueológicos, áreas de terreiros e antigos quilombos. 1ed. Brasília,DF: IPHAN, 2017, v. II, p. 84-88.

### 2.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Rio de Janeiro - RJ/2000. Estádio Maracanã. In: Reis Filho, Nestor Goulart; Finger, Anna Elisa. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural: monumentos, arquitetura paisagisms, sítios arqueológicos, áreas de terceiros e antigos quilombos. 1ed.Brasília,DF: IPHAN, 2017, v. II, p. 89-91.

### 3.

REIS FILHO, Nestor Goulart. XII. Conjunto da Obra do Arquiteto Oscar Niemeyer. Conjunto da Obra de Oscar Niemeyer/2007. In: REIS FILHO, Nestor Goulart; FINGER, Anna Elisa. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo: Monumentos, Arquitetura, Paisagismo, Sítios Arqueológicos, Áreas de Terreiros e Antigos Quilombos. 1ed. Brasília,DF: IPHAN, 2017, v. II, p. 162-173.

### 4.

REISFILHO, NestorGoulart. Conjunto da Obra de OscarNiemeyer/2008. Adenda do Relator. In: Reis Filho, Nestor Goulart; Finger, Anna Elisa. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo: monumentos, arquitetura, paisagismo, sítios arqueológicos, áreas de terreiros e antigos quilombos. 1ed.Brasília,DF: IPHAN, 2017, v. II, p. 169-173.

### 5.

REIS FILHO, Nestor Goulart; BENTES, Júlio Claudio da Gama. Urbanização Dispersa e Novas Formas de Tecido Urbano: estudos,

diálogos e desafios. Dez anos de diálogo sobre dispersão urbana. 1ed.São Paulo: FAU USP, 2017, v. 1, p. 419-422.

**6.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; FINGER, Anna Elisa . Nota Introdutória. In: Reis Filho, Nestor Goulart; Finger, Anna Elisa. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo: monumentos, arquitetura, paisagismo, sítios arqueológicos, áreas de terreiros e antigos quilombos. 1ed. São Paulo: IPHAN, 2017, v. II, p. 8-9.

**7.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; FINGER, Anna Elisa . Nota Introdutória. In: Nestor Goulart Reis Filho; Anna Elisa Finger. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Cidades Históricas, Conjuntos Urbanísticos e Arquitetônicos. 1ed.Brasília-DF: IPHAN, 2016, v. I, p. 8-9.

**8.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Brasília-DF 1990. Notas do Processo de Tombamento de Brasília. In: Nestor Goulart Reis Filho; Anna Elisa Finger. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Cidades Históricas, Conjuntos Urbanos e Arquitetônicos. 1ed.São Paulo: FAU USP, 2016, v. I, p. 30-32.

**9.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. I.Alagoas. Marechal Deodoro-AL 2006. Conjunto Arquitetônico da Cidade de Marechal Deodoro. In: Nestor Goulart Reis Filho; Anna Elisa Finger. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Cidades Históricas, Conjuntos Urbanos e Arquitetônicos. 1ed.São Paulo: IPHAN, 2016, v. I, p. 44-50.

**10.**

REIS FILHO, Nestor Goulart; FINGER, Anna Elisa . Porto Alegre-RS 2000. Área Central de Porto Alegre. In: Nestor Goulart Reis Filho; Anna Elisa Finger. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Cidades Históricas, Conjuntos Urbanos e Arquitetônicos.

1ed.São Paulo: IPHAN, 2016, v. I, p. 256-265.

**11.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Vila Ferroviária de Paranapiacaba, Santo André-SP 2002. In: Reis Filho, Nestor Goulart; Finger, Anna Elisa. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Cidades Históricas, Conjuntos Urbanos e Arquitetônicos. 1ed.São Paulo: IPHAN, 2016, v. I, p. 292-299.

**12.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Bairro da Luz, São Paulo-SP/2000. In: Reis Filho, Nestor Goulart; Finger, Anna Elisa. (Org.). Pareceres do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Cidades Históricas, Conjuntos Urbanos e Arquitetônicos. 1ed.São Paulo: IPHAN, 2016, v. I, p. 300-307.

**13.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Circulação de ideias sobre a história do urbanismo, da urbanização e da cidade na América Latina. In: FREITAS, J.Francisco Bernardino; MENDONÇA, Eneida MS. (Org.). A construção da cidade e do urbanismo ideias têm lugar?. 1ed. Vitória: EDUFES, 2012, v. 1, p. 47-56.

**14.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Apresentação. In: BUENO, Beatriz Piccoloto. (Org.). Desenho e Desígnio: o Brasil dos Engenheiros Militares (1500-1822). 1ed.SP: EDUSP, 2012, v. 1, p. 11-12.

**15.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre o semeador e o ladrilhador. In: MARRAS, Stélio. (Org.). Atualidade de Sergio Buarque de Holanda. 1ed.SP: EDUSP/IEB, 2012, v. 1, p. 10-13.

**16.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Aglomerações urbanas e novas formas de tecido urbano: discussão sobre diretrizes para políticas públicas

e políticas profissionais para intervenção. In: Nestor Goulart Reis e Marta Soban Tanaka. (Org.). Brasil: Estudos sobre dispersão urbana. 1ed.São Paulo: FAU-USP, 2007, v. 1, p. 165-182.

**17.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre a dispersão em São Paulo. In: Nestor Goulart Reis, Nuno Portas e Marta Soban Tanaka. (Org.). Dispersão Urbana - Diálogo sobre pesquisas Brasil - Europa. 1ed. São Paulo: LAP- FAUUSP, 2007, v. 1, p. 35-47.

**18.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre a importância do desenho para o desenvolvimento científico. In: CAUÊ, Matos (org.). (Org.). Ciência e Arte, Imaginário e Descoberta. 1ed.São Paulo: , 2003, v. 1, p. -.

**19.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O edifício da Vila Penteado de 1976. Vila Penteado, 100 anos. 1ed.São Paulo: FAU-USP, 2002, v. 1, p. 20-23.

**20.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização e Modernidade: Entre o Passado e o Futuro (1908-1945). In: MOTTA, Carlos Guilherme S. da (Coord.). (Org.). 1500-2000 - A grande transição: viagem incompleta. 1ed.São Paulo: Senac, 2001, v. 1, p. -.

**21.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. A USP e os Imóveis de Interesse Cultural. In: Comissão de Patrimônio Cultural. (Org.). Bens Imóveis Tombados ou em Processo de Tombamento da USP. São Paulo: Imprensa Oficial / EDUSP, 1999, v. 1, p. 22-26.

**22.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Universo Urbanístico Português. The Portuguese Urbanistic Universe 1415-1922. Towns of São Paulo in the 17th century. 1ed.Coimbra: Caderno de Resumos do Colóquio Internacional, 1999, v. 1, p. 90-90.

**23.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Coletânea de Estudos. Universo Urbanístico Português 1415-1822. Notas sobre o Urbanismo Barroco no Brasil. 1ed.Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, v. 1, p. 469-482.

**24.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Cultura e Estratégias de Desenvolvimento. A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno. 1ed.São Paulo: UNESP, 1997, v. 1, p. 143-157.

**25.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Brasil - Síntese Histórica. In: ARAOZ, Gustavo (coord.). (Org.). Patrimônio Cultural da América Latina. 1ed.: , 1995, v. 1, p. -.

**26.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. A perspectiva do arquiteto sobre a cidade. In: PECHMAN, Robert Moses. (Org.). Olhares sobre a Cidade. 1ed.Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, v. 1, p. 169-180.

**27.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Patrimônio e Centro Metropolitano. São Paulo Centro XXI: entre a história e o projeto. 1ed.São Paulo: Associação Viva o Centro, 1994, v. 1, p. 15-15.

**28.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Espaço e memória: conceitos e critérios de intervenção. O direito à memória. 1ed.São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/DPH, 1992, v. 1, p. 167-168.

**29.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. La Ciudad Barroca: analisis regionales 1573/1750. In: SOLANO, Francisco (coord.). (Org.). História Urbana de Iberoamerica. 1ed.Madri: Ed. Consejo Superior de Los Colegios de Arquitectos, 1990, v. 1, p. 516-543.

**30.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. La ciudad ilustrada: análisis regionales 1750-1850. In: SOLANO, Francisco (coord.). (Org.). História Urbana de Iberoamerica. 1ed.Madri: Editora Consejo Superior de Los Colégios de Arquitectos, 1990, v. 1, p. 717-752.

**31.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização no Brasil - séc. XVI a XVIII. In: ALOMAR, Gabriel (coord.). (Org.). De Teotihuacán a Brasília - Estudios de história urbana iberoamericana y filipina. 1ed.Madri: Instituto de Estudios de Administración Local, 1987, v. 1, p. 351-360.

**32.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização no Brasil - séc. XIX a XX. In: ALOMAR, Gabriel (coord.). (Org.). De Teotihuacán a Brasília - Estudios de história urbana iberoamericana y filipina. 1ed.Madri: Instituto de Estudios de Administración Local, 1987, v. 1, p. 371-386.

**33.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. L'Architettura di Rino Levi. Rino Levi. 1ed.Milano: Edizioni di Comunità, 1974, v. 1, p. 13-22.

**34.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Aspectos sócio-culturais. Caracterização e avaliação dos conhecimentos existentes sobre a região do Vale do Paraíba e diagnósticos resultantes. 1ed.São Paulo: CODIVAP, 1971, v. 1, p. 275-319.





## ARTIGOS PUBLICADOS

### 1.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Breve releitura dos projetos políticos brasileiros do período 1910-1945. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v. 18, p. 10-13, 2012.

### 2.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Notas sobre a evolução dos Estudos de História da Urbanização no Brasil. Universidade de Salamanca, Espanha, 2003.

### 3.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Cidades e Fortes Coloniais. Revista da Cultura/Ed. Diretoria de Assuntos Culturais do Exército, Rio de Janeiro, v. 3, p. 30-33, 2002.

### 4.

REIS FILHO, Nestor Goulart. As principais cidades e vilas do Brasil / Importância da Vida Urbana Colonial.. Revista Oceanos, Portugal, n.45, p. 60-67, 2000.

### 5.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre a Memória da Vida Urbana no Brasil Colonial.. Revista Barroco, 2000.

### 6.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Os Engenhos da Baixada Santista e os do litoral norte de São Paulo. Engenho dos Erasmos, CCS/USP. Revista USP, v. 41, p. 62-73, 1999.

### 7.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Algumas raízes: origens dos trabalhos regulares de pesquisa sobre História da Arquitetura, da Urbanização e Urbanismo no Brasil. Pós.Revista do Programa de

Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP, v. n° esp, p. 40-45, 1995.

**8.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Os primórdios da prática de engenharia e arquitetura em São Paulo. Revista Politécnica (USP), v. 210, p. 82, 1993.

**9.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Rodrigo e a FAU. Projeto (São Paulo), v. 100, p. 112, 1987.

**10.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Vilas habitacionais Brás-Mooça. Projeto (São Paulo), v. 19, p. 11-19, 1980.

**11.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Lendo na paisagem as etapas de nossa história. Banas Qualidade (Cessou em 2003. Cont. ISSN 1679-9690 Falando em Qualidade), v. 10, p. 10, 1976.

**12.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Conjunto habitacional. Habitat Debate, v. 1, p. 10, 1954.





## **PARECERES TÉCNICOS**

### **1.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Os arcos da Rua Jandaia. 2015.

### **2.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O edifício do antigo Arquivo Nacional e depois Casa da Moeda. Praça da República, Rio de Janeiro. 2015.

### **3.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O Teatro de Cultura Artística, rua Nestor Pestana, São Paulo. 2015.

### **4.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Problemas de drenagem das águas pluviais do município de São Paulo, do ponto de vista urbanístico. 2011.

### **5.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O valor cultural do edifício à Rua da Consolação. 2011.

### **6.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O valor cultural do edifício do Seminário Verbo Divino, no bairro de Santo Amaro. 2010.

### **7.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Estudos dos equipamentos urbanos, caminhos e dos edifícios relacionados com as minas da Repartição do Sul nos séculos XVII e XVIII. 2009.

### **8.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Elaboração de parecer sobre a proposta de tombamento do Teatro de Cultura Artística. 2009.

**9.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Elaboração de parecer sobre a proposta de tombamento da casa da Rua Pe. João Manuel, esquina da Alameda Santos. 2009.

**10.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Parecer complementar sobre o tombamento das obras de Oscar Niemeyer. 2008.

**11.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Parecer sobre as diretrizes de conservação da “Cidade histórica de Pirenópolis” para a Via das Artes e Projeto Monumenta. 2008.

**12.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Notas sobre a administração do município de São Paulo. 1992.

**13.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Proposta de regulamentação do uso dos direitos autorais na USP. 1987.

**14.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Situação da área sudoeste. 1987.

**15.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Diretrizes referentes à ordenação do território na constituição. 1986.

**16.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Diretrizes para enquadramento do Urbano da Nova Constituição. 1986.

**17.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Comentário sobre as condições de organização do ensino e da pesquisa na FAU-USP. 1985.

**18.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Notas sobre a proposta de uma política de desenvolvimento científico tecnológico para o Estado de São Paulo e reestruturação da Universidade. 1985.

**19.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O processo de urbanização no Brasil e a crise do sistema de planejamento. In: Avaliação do programa nacional de cidades de porte médio e revisão de critérios de seleção das referidas cidades. 1984.

**20.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. As condições gerais do planejamento e as políticas de desenvolvimento urbano. In: Avaliação do programa nacional de cidades de porte médio e revisão de critérios de seleção das referidas cidades. 1984.

**21.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Aproveitamento dos espaços ferroviárias não operacionais: Catanduva. 1984.

**22.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sugestões preliminares para uma política de desenvolvimento para o Estado de Mato Grosso. 1983.

**23.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Diretrizes de desenvolvimento urbano para o município de São Paulo. 1982.

**24.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. EEPG Oswaldo Cruz: obras de recuperação. 1980.

**25.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Diretrizes de desenvolvimento urbano na área central. 1980.

**26.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Estudo sobre arruamentos e loteamentos irregulares. 1980.

**27.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Estudo sobre o problema das casas precárias de periferia. 1980.

**28.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Estudo sobre política habitacional de interesse social. 1980.

**29.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O problema do cortiços em São Paulo. 1980.

**30.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Estudos para elaboração e implementação de um programa habitacional para os funcionários da CESP. 1980.

**31.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Programa habitacional para os funcionários da BERGAMO Cia. Industrial. 1980.

**32.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. EEPG Amadeu Amaral: obras de recuperação. 1979.

**33.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. EEPG Marechal Deodoro: Obras de recuperação. 1979.

**34.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Campinas. 1979.

**35.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Mairinque. 1979.

**36.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Sorocaba. 1979.

**37.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sugestões para uma política de desenvolvimento urbano em São Paulo. 1979.

**38.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Adamantina. 1978.

**39.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Americana. 1978.

**40.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Araraquara. 1978.

**41.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Brotas. 1978.

**42.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Assis. 1978.

**43.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Barretos. 1978.

**44.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Bernardino de Campos. 1978.

**45.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Bebedouro. 1978.

**46.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Catanduva. 1978.

**47.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Cerqueira Cesar. 1978.

**48.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Conchas. 1978.

**49.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Cordeirópolis. 1978.

**50.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Dois Córregos. 1978.

**51.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Jaú. 1978.

**52.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Limeira. 1978.

**53.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Marília. 1978.

**54.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Mirassol. 1978.

**55.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Nova Odessa. 1978.

**56.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Osvaldo Cruz. 1978.

**57.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Pederneiras. 1978.

**58.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Pompeia. 1978.

**59.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Presidente Prudente. 1978.

**60.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Rincão. 1978.

**61.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Rio de Claro. 1978.

**62.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Rubião Junior. 1978.

**63.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de São Carlos. 1978.

**64.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de São Roque. 1978.

**65.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Vinhedo. 1978.

**66.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação Valinhos. 1978.

**67.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Obras de recuperação da Estação de Xavantes. 1978.

**68.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Planos de transferência da estação de Rio Claro. 1978.

**69.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Diagnóstico das condições de ensino e pesquisa em arquitetura e urbanismo no Brasil. 1977.

**70.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Planos de um centro de estudos e projetos do meio ambiente na Unicamp. 1977.

**71.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Proposta de Fundação Cultural. 1977.

**72.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Documento estratégico. 1975.

**73.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Proteção ao Patrimônio Cultural em São Paulo. 1975.

**74.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al. Ensino de Arquitetura no Brasil. 1974.

**75.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização na Região de Itaipu: política nacional de desenvolvimento. 1974.

**76.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Et al A view contemporary Brazilian architecture. 1973.

**77.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Nomenclatura do metrô. 1972.

**78.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. O setor sócio-cultural. 1972.

**79.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. As condições de implantação do conjunto urbano de Ilha Solteira: diretrizes para a fixação de uma política adequada à implantação do núcleo de Ilha Solteira. 1968.

**80.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Metropolização em São Paulo. 1968.

**81.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Notas sobre o planejamento territorial. 1963.

**82.**

REIS FILHO, Nestor Goulart. Pesquisa do Litoral Norte - aspectos históricos. 1960.



